

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Jacson Schwengber

**VERNEY LEITOR DE QUINTILIANO: a apropriação da retórica latina
na formação intelectual do século XVIII.**

PORTO ALEGRE-RS

2011

Jacson Schwengber

**VERNEY LEITOR DE QUINTILIANO: a apropriação da retórica latina
na formação intelectual do século XVIII.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, ao curso de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: prof. Dr. Anderson
Zalewski Vargas.

PORTO ALEGRE-RS

2011

**VERNEY LEITOR DE QUINTILIANO: a apropriação da retórica latina
na formação intelectual do século XVIII.**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História, ao curso de História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Jacson Schwengber

APROVADO EM: _____

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas – Orientador – UFRGS

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi – UFRGS

Prof. Adolar Koch – UFRGS

Agradecimentos

Gostaria de registrar minha gratidão ao professor Anderson Zalewski Vargas, pelo auxílio e orientação na construção deste trabalho, e por deixar que participasse do seu projeto de pesquisa *Sertões Trágicos, Euclides da Cunha e a Herança Clássica*, no qual surgiu a questão desta pequena pesquisa e onde encontrei as referências bibliográficas e os aconselhamentos indispensáveis para o seu desenvolvimento.

Agradeço à Professora Mara Rodrigues por ter oferecido no ano de 2009 um seminário sobre historiografia brasileira do século XVIII, foi nesta cadeira que teve início meu interesse por esse período e que pela primeira vez tive notícias sobre Luís Antônio Verney e o sistema educacional da época.

Agradeço a toda a minha família pelo apoio nesta etapa tão importante da minha vida, aos meus avós, Lacy Quintana e José Cledir Quintana, por seu amor sempre incondicional, a minha mãe, Dona Glória Sibila Quintana, sem a qual eu não seria nada do que sou.

Agradeço aos grandes colegas e amigos Bibiana Werle, Claudio Klippel, Gabriel Egger (vulgo "Lennon"), Fernando Prudencio, Lucas Gasparotto e Pedro Telles pelas conversas, sugestões e bebedeiras.

E por fim deixo um agradecimento especial à Nina Bogoni, por ter tido paciência de revisar e corrigir os meus inumeráveis erros de português e por ter deixado os meus dias muito mais felizes.

Porto Alegre, Dezembro de 2011.

Sumário

Resumo	1
Introdução	2
CAPÍTULO I	10
<i>O contexto intelectual português</i>	10
<i>A repercussão do Verdadeiro Método de Estudar</i>	18
<i>O humanismo na formação de Verney</i>	23
<i>Leitura e escrita na educação jesuítica</i>	28
CAPÍTULO II	37
<i>A presença dos latinos</i>	37
<i>O estatuto do latim no ensino lusitano: a leitura como diálogo</i>	44
<i>A apropriação de Quintiliano</i>	48
<i>O soldado e o orador</i>	55
<i>Decoro e senso de medida</i>	59
Conclusão	67
Bibliografia	72

Resumo

O presente trabalho tem como objeto principal o *corpus* documental composto pelas Cartas Quinta e Sexta, de o *Verdadeiro Método de Estudar*, obra de autoria do pensador português Luís António Verney. Este tratado composto por dezesseis cartas, originalmente divididas em dois tomos, foi publicado pela primeira vez no ano de 1746, na cidade italiana de Nápoles. Escrita de forma epistolar e vazada em tom irônico, continha um arsenal combativo ao sistema de ensino dos inicianos e propunha algumas reflexões para a formação de um novo método pedagógico, mais adequado aos novos tempos. Porém, a ruptura não foi completa, na esteira da tradição letrada do humanismo renascentista e do sistema de ensino jesuítico, Verney também apresentou os “Antigos” como modelo de bom gosto literário e exemplo de aplicação de técnicas retóricas. Por isso o objetivo desta pesquisa foi identificar como, a partir da leitura e da interpretação da obra de Quintiliano, Verney se apropriou de elementos da antiguidade latina na escrita das cartas cinco e seis do seu *Método*.

Palavras Chave: Retórica, Ensino, Antigos, Leitura, Escrita.

Introdução

Uma história da retórica, ou uma história da relação entre a retórica e a historiografia, insere-se em uma tendência cada vez mais forte no interior das ciências humanas. Os preceitos que compõem a arte da persuasão têm sido, nos últimos anos, associados a uma diversidade de áreas do conhecimento. Em prefácio à edição da *Retórica* de Aristóteles, Manuel Alexandre Jr chama a atenção para esse crescimento dos estudos retóricos, segundo ele “nunca antes a retórica despertou tanto interesse” e “em áreas tão distintas do saber¹”.

Acompanhada deste interesse cada vez maior pela arte do bem falar, está a expansão de seus estudos para além dos horizontes intelectuais do ocidente. Assim, entre os povos da antiguidade, além das já tradicionais pesquisas sobre Grécia e Roma, estudiosos têm avaliado quais as influências retóricas na Mesopotâmia, Israel e Egito. Culturas ágrafas também foram colocadas no rol desses estudos. Aborígenes da Austrália, povos indígenas da América do Sul e outras sociedades tradicionais que não fazem uso da escrita têm sido analisados a partir da perspectiva dos estudos retóricos. Observa-se o lastro da retórica “em contextos muito distantes do mundo que aparentemente a viu nascer²”.

A possibilidade de abrangência de seus campos de análise se dá por ser a retórica considerada um “saber interdisciplinar no sentido pleno da palavra, na medida em que se afirma como arte de pensar e arte de comunicar o pensamento³.” Sua influência na construção discursiva do ocidente pode ser apreciada de forma objetiva através dos inumeráveis tratados sobre sua natureza e objetivos, nos quais são propostos normatizações e técnicas que orientam na produção escriturária e, por conseguinte, na forma de ler e interpretar os textos.

No caso do século XVIII luso-brasileiro, onde o número de letrados era bastante reduzido, a oralidade ainda era uma dimensão essencial na comunicação entre os indivíduos. A leitura era uma prática compartilhada, por isso, os discursos,

¹ ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Prefácio e introdução a ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. p.09.

² *Idem.*

³ *Idem.*

em sua maioria, eram concebidos para serem proferidos verbalmente. No interior das academias, nas comemorações públicas ou no púlpito, um gênero de oração privilegiado desta época é o panegírico, discurso encomiástico onde se distribuía o louvor a alguma figura ilustre. A forma mais conhecida do encômio é o discurso fúnebre, momento em que se honra a memória do morto.

No campo das mentalidades, torna-se difícil determinar as consequências das práticas retóricas nas formas de ser e sentir dos indivíduos. Porém, nas fases de elaboração do discurso previstas pela *ars rhetorica*, três delas correspondem a processos estritamente mentais: *heiresis* ou *inventio*, que corresponde à invenção, à escolha dos argumentos; *taxis* ou *dispositio*, que corresponde à organização do que se diz, ou seja, à disposição dos argumentos; e *mneme* ou *memória*, que consiste na memorização do discurso⁴ — esta, praticamente em desuso desde o século XIX. Em seu livro *Rompendo o Silêncio*⁵, Antônio Rezende aborda o que denomina uma “retórica do silêncio”. Em sua abordagem do *silentium* (silêncio), as quatro fases do discurso citadas acima são caracterizadas como “o momento, às vezes longo [de formação do discurso], que antecede a sua concretização em fala pelo orador”, ou seja, é a trajetória de formação discursiva que se dá na mente do orador⁶.

Os indícios mais antigos sobre retórica que chegaram até nós constam de fragmentos ou de traduções de textos cujo original se perdeu, o que dificulta determinar a autenticidade das referências de data e autoria dos mesmos. Por isso, é difícil identificar, de forma objetiva, em que momento surgiu uma primeira sistematização das técnicas retóricas.⁷ Não obstante, convencionou-se situar sua origem na Sicília do século V a.C, vinculada às desapropriações de terras pelos

⁴ São 05 as partes de elaboração do discurso, segue os vocábulos em grego e latim: *Eresis* ou *inventio*(invenção, escolha do que dizer); *taxis* ou *dispositio* (por em ordem o que se diz, disposição dos argumentos); *lexis* ou *elocutio* (elocução, os ornamentos); *hypocrasis* ou *pronuntiatio* (pronúnciação, proferir o discurso oralmente); *mneme* ou *memoria*(memória, memorização do discurso). Sendo que só na oratória romana a memória passou a fazer parte das técnicas retóricas.

⁵ REZENDE, Antônio Martinez. **Rompendo O Silêncio**. A construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. 328 p.

⁶ Ibid, p. 21.

⁷ Ver SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência**. Retórica e Poética no Brasil Oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999. p.07.

tiranos Gelon e Hieron. Nesse esquema explicativo, a gênese da retórica está associada a um evento sociopolítico relacionado a embates jurídicos, pois, com o fim da tirania, teriam surgido tribunais populares para julgar os processos de devolução das terras para os antigos donos. A necessidade de maior eficiência do discurso, para alcançar êxito nos litígios, levou ao começo de uma sistematização dos recursos de persuasão, desde então, o discurso passa a ser o objeto de uma “arte” no sentido antigo desse termo⁸.

É aos nomes de dois sicilianos, Córax e seu discípulo Tísias, que se atribui o primeiro esforço de codificação de técnicas persuasivas em um sistema coerente. Porém, a eloquência já era uma realidade entre os gregos desde a época da *Ilíada* e *Odisseia*. Os dois poemas heroicos contêm referências a conselhos, assembleias e discursos, o que torna plausível a ideia de que, vista em termos de finalidade, é do nível prático da eloquência que emerge o nível teórico da retórica. Tratava-se, pois, de uma “eloquência espontânea”, que, com os primeiros tratados, torna-se uma “eloquência erudita, adulta, simultaneamente dialética e filosófica⁹”.

Do campo jurídico, *locus* de origem das técnicas de persuasão, a retórica migrou para outros lugares onde se buscava solucionar os conflitos sem o uso da violência. Este é o caso da sociedade ateniense que, em razão de sua forma cívica de tomadas de decisão, conferia ao *logos* (discurso ou palavra) uma posição central. Supõe-se que Górgias, que também era da Sicília, tenha sido o responsável por levar para a Ática essa coleção de preceitos práticos voltados para o convencimento. Em Atenas, as práticas deliberativas engendradas pelo sistema político da democracia conferiram as condições ideais para o florescimento da arte do bem dizer.

⁸ A referência à retórica como arte vem da tradução do grego da retórica como *techné*, vocábulo que designa “tanto uma habilidade espontânea quanto uma competência adquirida através do ensino.” Ver REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. XVI.

⁹ Segundo Manuel Alexandre Jr., a imagem de Péricles, cujas palavras a nós chegaram de forma indireta através dos textos de Tucídides, talvez seja a que melhor encarne essa transição de uma eloquência “espontânea” para uma eloquência “erudita” e “filosófica”. A figura de Péricles é carregada de significação, identifica-se nele a divisão entre duas Grécias: “De um lado temos a Grécia de Homero e de Hesíodo, de Alquíloco, Safo e Alceu, de Píndaro e Ésquilo; A Grécia espontânea e poética, de que o drama trágico foi manifestação suprema. De outro lado, temos a Grécia que atinge a sua idade de reflexão, a Grécia da prosa, da história, da eloquência política, da filosofia e da ciência.” ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. *op. cit.* p.19.

Mesmo que indeterminado ...

já nesse momento nebuloso de suas origens, a disciplina conheceria duas linhagens: 1º- uma demonstração técnica e racional do verossímil; 2º- uma psicagogia (literalmente “condução da alma”), isto é, exploração do potencial de sedução da palavra, aquém ou além de sua inteligibilidade¹⁰

Como representantes do grupo que compõe a primeira linhagem, estão os nomes de Córax, Tísias e Protágoras. Já no segundo grupo são colocados Empédocles, Górgias e Isócrates. O embate entre uma concepção de retórica como hipertrofia da linguagem, forma sedutora e vazia, que entende palavra como dimensão do engano e do erro, conforme defendeu Platão, e a Retórica como uma técnica rigorosa de argumentação, como propôs Aristóteles, ainda perdura. Logo, entre a palavra retórica e o significado que ela guarda, nunca houve consenso. João Adolfo Hansen entende que:

(...)não é necessário que se pressuponha a unicidade prévia de ' a Retórica' e o encadeamento sucessivo e evolutivo de sua tradição, pois o que há são **apropriações determinadas** que, a cada momento, **constituem e propõem uma tradição, entre outras**, como autoridade do que é dito. A tradição não é, enfim, algo anterior e inferior que irradia sua influencia e sua insuficiência sobre algo posterior e superior que o acolhe e aperfeiçoa, mas um valor de uso, entre outros, que um determinado material passado passa a ter num determinado presente que se apropria dele e o transforma imprimindo-lhe determinada deformação¹¹.

Dentre as propostas que se apresentarão, estará inclusa a avaliação do uso da tradição clássica (conjunto de elementos do passado greco-romano, herdados e retrabalhados desde a Idade Média) nas reflexões propostas por Luís António Verney quanto ao objetivo e à natureza da retórica. Essa tradição não será vista como um conjunto de influências herdadas, mas como seleção e apropriação de elementos da cultura clássica na operação e construção de uma concepção particular do conhecimento.

¹⁰ SOUZA, Roberto Acízelo de. *op.cit.* p.07.

¹¹ HANSEN, João Adolfo. Apud SOUZA, Roberto Acízelo de. *op.cit.* p.08

O presente trabalho terá como objeto principal o *corpus* documental composto pelas Cartas Quinta e Sexta, de o *Verdadeiro Método de Estudar*, obra de autoria do pensador português Luís António Verney. Esse conjunto epistolar, geralmente associado às reformas dos estudos efetuadas sob o ministério de Pombal (1750-1777), ecoou nos manuais de pedagogia e retórica produzidos em Portugal e no Brasil desde meados do século XVIII até fins do XIX. Esse *estrangeirado*¹² lusitano e seus escritos já foram usados como tema de um número considerável de trabalhos, principalmente pela historiografia contemporânea, que se debruçou sobre as questões da decadência cultural portuguesa nos setecentos e da Ilustração católica na península Ibérica.

O *Verdadeiro Método* teve sua primeira edição no ano de 1746, publicada em Nápoles pelos impressores Gennaro e Vincenzo Muzio. Foi originalmente dividido em dois tomos, cada um contendo oito cartas. Para este trabalho, porém, será utilizada a edição do *Verdadeiro Método*¹³ organizada pelo Professor António Salgado Jr. Nessa versão, as 16 cartas foram divididas em cinco volumes, cada um correspondendo a um eixo temático. As edições ficaram organizadas da seguinte forma: Vol. I- Estudos Linguísticos; Vol. II- Estudos Literários (onde se encontram as cartas sobre retórica e poética); Vol. III- Estudos Filosóficos; Vol. IV- Estudos Médicos, Jurídicos e Teológicos; Vol. V- Estudos Canônicos, Regulamentação, sinopse.

A obra original trazia a assinatura de um certo padre Barbadinho da Congregação da Itália (na verdade um criptônimo de Verney) e era dirigida a um suposto interlocutor, também padre e *Doutor na Universidade de Coimbra*. Escrita de forma epistolar e vazada em tom irônico, contém um arsenal combativo ao sistema de ensino dos inicianos e propõe algumas reflexões para a formação de um novo método pedagógico, mais adequado aos novos tempos. Trata-se antes de um

¹² O termo “estrangeirado” refere-se a indivíduos que, embora diversos entre si, tem como traço comum terem vivido fora de Portugal durante os séculos XVII e XVIII. O fato de viver em outras nações europeias teria facilitado o acesso ao pensamento de autores como Isaac Newton, John Locke, Voltaire, etc., proibidos pela censura inquisitorial da Igreja em Portugal. Ao voltarem para Portugal, atuaram como divulgadores das ideias desses autores.

¹³ VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950. 05v.

manifesto crítico do ensino português do período do que um tratado sobre a epistemologia do conhecimento.

A opção pela edição organizada pelo professor Salgado Jr. como fonte se deu por dois motivos. O primeiro é a questão de acesso ao documento, pois existem poucos exemplares da edição de 1746 e, dos que existem, a maioria encontra-se em bibliotecas de Portugal e Espanha. No Brasil, os dois tomos da primeira edição estão entre as obras do acervo da Biblioteca Nacional, a qual disponibiliza a versão fac-símile do documento original em ambiente digital — nas referências bibliográficas consta o endereço virtual onde o mesmo encontra-se hospedado. O segundo motivo é em função das notas de referência que o professor Salgado Jr. adicionou aos cinco volumes do *Verdadeiro Método de Estudar* por ele organizados. Nelas, Salgado oferece informações sobre a trajetória biográfica de Verney e o contexto intelectual em que ele estava inserido.

Outra dificuldade que se apresentou para a realização do presente trabalho foi a ausência de uma edição da *Institutio Oratoria* em português¹⁴. Por isso, como referência a esta obra, foi consultada a edição francesa de 1934¹⁵, com a tradução de Henri Bornecque, e a tradução para o espanhol feita pelos padres Ignacio Rodríguez e Pedro Sandier — esta, uma versão fac-símile da edição de 1916, disponível em ambiente virtual¹⁶. Outra solução adotada foi recorrer a trabalhos acadêmicos, voltados para análise deste tratado de Quintiliano, que oferecem a tradução de partes dos doze livros que constituem a *Institutio*. Nesse sentido foram fundamentais os trabalhos de Antônio Martinez de Rezende e Beatriz Ávila Vasconcelos. O primeiro, em sua tese de doutorado (posteriormente convertida em livro) *Rompendo o Silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano* (2010), dividiu seu trabalho em duas partes: uma em que faz uma reflexão teórica sobre a relação entre o poeta e o orador

¹⁴ A única tradução em português oferecida pelo acervo da biblioteca da UFRGS consiste em uma coletânea de textos dos doze livros que compõem a *Institutio Oratoria*, selecionados e traduzidos por Jerônimo Soares Barboza, Impressa na Universidade de Coimbra no ano de 1836.

¹⁵ QUINTILIANO. **Institution Oratoire**. Paris: Ganier Frères, 1934-1954. 4 v.

¹⁶ QUINTILIANO. M. Fabio. **Instituciones Oratorias**. Madrid: Perlado Páez y Compañía, 1916. 02 v. Disponível em: http://fama2.us.es/fde/ocr/2008/instituciones_Oratorias_Quintiliano_T1.pdf Acesso em 15 de 05 de maio de 2011.

em Quintiliano e outra onde traduziu o livro X do *Institutio Oratoria*. Já Beatriz Ávila, em seu livro *Ciência do dizer bem* (2005), aborda a concepção de retórica de Quintiliano e oferece uma tradução do livro II da *Institutio*.

A questão que se buscará responder, ou pelo menos apresentar uma interpretação plausível, será: como, a partir da leitura e da interpretação da obra de Quintiliano, Verney se apropriou de elementos da antiguidade latina na escrita das cartas cinco e seis do seu *Método*? A metodologia de análise, a qual se verificará a operacionalidade, também coloca em questão a relação entre retórica e história. Por isso, atenção especial será dada a outro tratado das técnicas de persuasão: o *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica* (1958) de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca.

Em suas proposições, Perelman resgatou elementos da retórica aristotélica e recolocou a retórica no campo de debate acadêmico europeu contemporâneo. O *Tratado da Argumentação* não apresenta reflexões voltadas para o campo do saber histórico em particular, no entanto, sua abordagem dá ênfase à noção de prova como o núcleo racional da retórica. Abordagem semelhante foi adotada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, o qual enfatizou a correlação entre uma tradição retórica que não exclui a noção de prova e a história tal como a compreendiam os modernos e, em grande medida, tal como nós a entendemos¹⁷.

Para dar conta do objetivo acima proposto, o trabalho foi organizado em dois capítulos. No primeiro fala-se do contexto político e cultural do reinado de D. João V., da difusão do *Verdadeiro Método de Estudar*, de como ele foi recebido¹⁸ entre os letrados da época e do eco de suas ideias nas diretrizes pedagógicas impostas pelo Alvará Régio de 1759. Ainda nesse primeiro capítulo, são apresentados alguns aspectos constitutivos do sistema de ensino jesuítico no qual Luís António Verney recebeu sua formação intelectual. Através da leitura das normas de ensino estabelecidas pelo *Ratio Studiorum* e da bibliografia de estudos sobre a educação nos

¹⁷ GIZBURG, Carlo. **Relações de Força**. História, Retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002. 192 p.

¹⁸ Embora existam aproximações entre a teoria da recepção e a retórica, aqui, me refiro a alguns juízos emitidos por intelectuais do período quanto à obra de Verney.

séculos XVII e XVIII, tentei estabelecer quais foram os protocolos de leitura utilizados para interpretar as obras da antiguidade grega e romana no ensino luso-brasileiro.

No segundo capítulo é apresentado um mapeamento dos autores da Antiguidade Clássica citados nas cartas cinco e seis do Verdadeiro Método de Estudar. Em seguida, é feito um balanço entre as referências gregas e latinas e o espaço ocupado por Cícero e Quintiliano nas duas cartas referidas. A partir da comparação entre trechos do *Verdadeiro Método* e da *Institutio Oratoria* e da caracterização do público ao qual o tratado do erudito português aparentemente se dirige, tentei responder a questão proposta por esse trabalho.

Luís António Verney já foi analisado a partir de suas concepções sobre filosofia, política, teologia e história. Seu nome sempre é citado nas pesquisas sobre a educação luso-brasileira do século XVIII; quanto a isso, José Murilo de Carvalho destacou a autoridade que seu nome exerceu na composição de manuais brasileiros de retórica do século XIX¹⁹. Porém, nenhum trabalho, até onde tenho notícias, se dedicou a analisar qual a importância de Quintiliano em sua obra²⁰. Em função da complexidade do *corpus* documental oferecido pelo autor português, muitas são as possibilidades de análise ainda não exploradas, por isso, o presente trabalho tem por objetivo oferecer uma pequena contribuição para as discussões sobre a presença dos Antigos na formação intelectual dos indivíduos do século XVIII.

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. **História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura**. Tópoi n.01, Rio de Janeiro, 2000, p. 123-152.

²⁰ A presença de elementos que remetem a Cícero foi destacada por Luís António Salgado na sua edição do *Verdadeiro Método de Estudar*, no entanto, nada é dito sobre Quintiliano.

CAPÍTULO I

O contexto intelectual português

O *Verdadeiro Método de Estudar*, por possuir um “arsenal combativo” contra o sistema de ensino dos inicianos e um forte conteúdo “europeizante”, foi ajustado ao projeto reformador de Pombal. Ivan Teixeira, ao contrário do Professor Salgado Jr., que apresenta as cartas de Verney como um tratado pedagógico de caráter doutrinário, entende que o *Verdadeiro Método* deve ser compreendido antes como “um livro de combate, de crítica da cultura, do que propriamente uma obra de teoria²¹.” Mesmo assim, a reforma do ensino realizada no reinado de D. José I teve como modelo este tratado do intelectual português. Adiante serão apresentadas algumas determinações do Alvará Régio de 1759, o qual estabeleceu a reforma dos estudos menores. No *Verdadeiro Método de Estudar*, Luís António Verney não tinha como meta laicizar o ensino, muito pelo contrário, o próprio subtítulo do *Método* já explicitava seus objetivos: *Ser Util à Republica e à Igreja*. O frade oratoriano escreveu suas cartas de acordo com os princípios teológico-políticos²² vigentes em seu tempo,

²¹ TEXEIRA, Ivan. **O Mecenato Pombalino e a Poesia Neoclássica**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 60.

²² Essa noção foi extraída de trabalhos de Eduardo Sinkevisque. Por teológico-político entende-se o conjunto de doutrinas neo-escolásticas que legitimavam o poder absoluto do rei. Sinkevisque argumenta que a legitimação política do poder absoluto dos reis portugueses, foi fundamentada a partir de um relato de caráter sagrado, o milagre de Ourique. A narrativa do milagre foi utilizada por agências e agentes do poder absoluto católico português, dentre os quais Sinkevisque destaca a Universidade de Évora, Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra, que nos séculos XV e XVI funcionaram como centros de ensino, legitimação e propagação do poder. No século XVII e XVIII a narrativa do milagre de Ourique foi apropriada por círculos “teológico-políticos” como a Companhia de Jesus e a Academia Brasílica dos Esquecidos. Desta forma, Sinkevisque demonstra como (no período que vai do século XVI ao século XVIII) jurisprudência e providencialismo se entrelaçam nas narrativas de legitimação e fundamentação do poder político da monarquia portuguesa. Na perspectiva teológico-política, religião e estado não eram entes políticos separados e a monarquia era apresentada como produto da “vontade e desígnio de Deus.” SINKEVISQUE, Eduardo . **Alguns relatos seiscentistas do Milagre de Ourique: fundamentação e exercício do poder providência e jurisprudência**. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). UFRJ: Rio de Janeiro. & SINKEVISQUE, Eduardo . **A História da América Portuguesa (1730) de Sebastião da Rocha Pita na História da Literatura Brasileira**. In: VII Seminário Internacional de História da Literatura (PUC/RGS), 2007, Porto Alegre. Anais VII Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.

dito de outra forma, para Verney, o fortalecimento da Igreja e da fé católica não estava dissociado do progresso do reino português.

A autonomia do estado em detrimento da religião, tal como levado a cabo no período do ministério do Marques de Pombal, não foi uma proposta de Verney. Por isso, considerá-lo o ideólogo do pombalismo parece exagerado. Mesmo com os diferentes sentidos atribuídos à sua obra, a leitura do *Verdadeiro Método* nos possibilita concluir que o seu principal objetivo era a união da teologia e da filosofia moderna, com o intuito de confirmar os dogmas da fé à luz da razão²³. Por isso, visto em termos de filiação política, o *Verdadeiro Método de Estudar* estava em sintonia com o Reinado de D. João V (1707-1750) e a relação que se estabeleceu entre a Igreja Católica e a coroa lusitana nas primeiras décadas do setecentos²⁴.

No período joanino, a diplomacia foi uma das principais preocupações do reino e, nesse campo, o maior êxito da coroa foi alcançado no ano de 1748, quando o Papa Bento XIV concedeu ao monarca português a denominação de “Rei Fidelíssimo”. A partir de então, o reino português alcançou um estatuto de paridade com outras potências católicas nas relações diplomáticas com a Santa Sé²⁵, pois, com esse título, o rei de Portugal se igualava ao rei da França (“Sua Majestade Cristianíssima”), da Espanha (“Sua Majestade Católica”) e ao imperador da Áustria (“Defensor da Fé”)²⁶. Não obstante, antes mesmo de ser concedido aos reis portugueses o direito de ostentar o epíteto de “Rei Fidelíssimo”, os laços entre Portugal e a Santa Sé já haviam se estreitado: entre os anos de 1710 e 1720, uma

²³ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. **Contra todos os inimigos**. Luís António Verney: historiografia e método crítico (1736-1750). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009. p.98.

²⁴ Ibid. p.14.

²⁵ MONTEIRO, Nuno Gonçalo Freitas. A consolidação da dinastia de Bragança e o apogeu do Portugal Barroco: centros de poder e trajetórias sociais (1668-1750). In: José Tengarrinha (org.) **História de Portugal**. Bauru: Edusp; São Paulo: Portugal: Instituto Camões, 2000. p.136.

²⁶ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.83.

sucessão de bulas papais concederam várias regalias e honrarias aos clérigos portugueses e ao reino²⁷.

O incentivo às atividades diplomáticas conduziu a uma maior participação dos estrangeirados na política e na cultura portuguesa. De acordo com algumas interpretações historiográficas, a figura do estrangeirado foi peça fundamental para a divulgação das *luzes* em Portugal. Esses indivíduos, em suas viagens por outros países da Europa, conseguiam escapar da forte censura da Inquisição portuguesa e, ao retornarem a seu reino de origem, traziam consigo as ideias dos pensadores iluministas. Verney é considerado um típico representante do que se denomina estrangeirado: nascido em Portugal, foi, já em idade adulta, para a Itália e de lá, depois de entrar em contato com obras e autores proibidos no território luso, propôs uma reforma do sistema de ensino português. Segundo Ivan Teixeira, estrangeirar-se “significava conhecer Portugal de fora e avaliar os efeitos do isolamento em comparação com a Europa Culta²⁸”.

A intensa atuação diplomática no Reinado de D. João V, demonstrava uma preocupação política com relação ao prestígio de Portugal no concerto das nações europeias²⁹. Nuno Gonçalo soma a ação sistemática no plano da política externa portuguesa ao fortalecimento da Corte joanina, a qual ocupava uma posição central na administração do reino. Segundo o historiador, esses dois elementos (diplomacia e centralização do poder na Corte de Lisboa) foram fundamentais na consolidação da dinastia de Bragança no trono português³⁰.

Outro aspecto relevante do reinado de D. João V foi o aumento de investimentos na produção cultural e artística. No seu governo, expandiu-se o número de academias eruditas, foram criados laboratórios de ciência e se mandou realizar traduções e edições de obras importantes. Todas essas iniciativas contavam com o beneplácito real que, através da concessão de rendas, financiava as atividades

²⁷ Ibid. p.77.

²⁸ TEIXEIRA, Ivan. *op. cit.* p. 37.

²⁹ O termo *Europa Culta* se referia, ao fim e ao cabo, a Inglaterra, França, Itália, Holanda e Áustria.

³⁰ MONTEIRO, Nuno Gonçalo Freitas. *op. cit.* p.137

intelectuais. O aumento do investimento régio na cultura foi facilitado pelo lucro obtido com a descoberta, no início do século XVIII, de jazidas de ouro no Brasil. Com os cofres reais abarrotados, o monarca promoveu contribuições para a Arcádia Romana, fortalecendo ainda mais os seus laços com o Papa Bento XIV. A Itália foi importante no projeto cultural de D. João V que, através de seus diplomatas, encomendava obras de arte e recrutava artistas, com o intuito de criar uma imagem de grandeza da corte de Lisboa. O próprio Verney materializa essa intensa relação entre o ambiente intelectual português e italiano, pois no ano de 1736, como já referido, foi para a Itália e lá permaneceu até sua morte no ano de 1792.

A inserção de Verney nos círculos letrados da península itálica foi essencial na formação do juízo quanto à situação cultural portuguesa exposta por ele no *Verdadeiro Método de Estudar*. Em Roma, Verney passou a ser um dos colaboradores da Arcádia Romana, sob o cognome arcádico de Verenio Origiano³¹. Consta de 1745 uma composição latina sua sob o título *De Recuperata Sanitate Joannis V*³², a qual foi escrita em função da doença que afligia o Rei D. João V e explicitava o desejo de melhoras do mesmo.

Desde o humanismo renascentista, se consolidou no interior do ambiente intelectual do continente europeu a ideia de uma “República das Letras” (*Respublica literarum*), pensada como uma associação entre intelectuais que, para além dos limites de seus reinos, tinham o objetivo de coordenar um esforço comum em busca do conhecimento. Os dois principais meios de comunicação entre esses homens de letras eram os periódicos literários, os quais começaram a se proliferar desde o início do século XVIII, e a troca de correspondências. Era o latim, encarado como uma herança comum entre os europeus, que oferecia um código de linguagem para que esses intelectuais mantivessem contato entre si, para além dos limites impostos pelas fronteiras nacionais. Da inserção de Luís António Verney nessa República das Letras, merece destaque o conjunto epistolar trocado entre ele e o sacerdote beneditino Antonio Ludovico Muratori.

³¹ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.78.

³² *Idem.*

Muratori realizou seus primeiros estudos em gramática e *Lettere Umane* nas escolas de jesuítas na região de Modena, na Itália. Aos 16 anos iniciou sua vida religiosa e sempre demonstrou grande interesse pela literatura clássica: autores como Sêneca, Quintiliano e Libônio estavam entre os seus favoritos³³. Seu apreço pela erudição profana intensificou-se a partir do ano de 1693, quando passou a ter aulas de grego com Benedetto Bacchini. Foi através deste monge beneditino da Congregação de Cassinese que Muratori teve contato com os preceitos filológicos dos religiosos Maurinos³⁴. Foi também por intermédio de Bacchini que Muratori iniciou-se nos exercícios de paleografia com códices manuscritos do arquivo da Catedral de Modena³⁵.

A partir do ano de 1700, passou a atuar como padre secular em Modena e prestou serviços como bibliotecário e advogado do duque Rinaldo I d'Este, defendendo os interesses do duque contra as pretensões territoriais da Santa Sé. Muratori propunha uma renovação da igreja, mas sem sair dos limites impostos pela ortodoxia³⁶, posição que será também adotada por Verney. Usou seus conhecimentos de direito como ferramenta, tanto nos embates sobre a cultura e os costumes do cristianismo católico quanto nas controvérsias contra os protestantes³⁷. Em função da autoridade e da importância que seu nome adquiriu, talvez tenha sido Muratori uma das principais influências de Verney nas questões que envolviam teologia e política.

O erudito italiano considerava que, fora do âmbito do dogma, a Igreja Católica podia ser falha, postura, esta, baseada na sua concepção do conhecimento. Nos assuntos que não eram referentes à fé, estaria autorizado o livre debate entre os homens à luz da razão. Já, a verdade revelada não era algo passível de demonstração, por isso, a interpretação das Sagradas Escrituras deveria permanecer sujeita à autoridade eclesiástica. No entanto, a história da Igreja — onde se narra a vida dos Santos, os milagres e a atuação dos papas — junto com as “disciplinas profanas”,

³³ MORAIS, Regina Célia de Melo. **L. A. Muratori e o Cristianismo Feliz na Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai**. Dissertação de mestrado, Niterói, 2006. p.16.

³⁴ No ano de 1699, em Milão, Muratori chegou a encontrar-se com Montfaucon (1655-1741), religioso beneditino aluno de Mabillon.

³⁵ MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.17.

³⁶ *Ibid.* p.18.

³⁷ *Ibid.* p.19.

como ciência e filosofia, eram consideradas passíveis de uma análise racional³⁸. A respeito da posição de Muratori com relação aos assuntos seculares e sagrados, Regina Célia de Melo Morais faz as seguintes colocações:

Muratori propunha que se moderasse a censura sobre os livros de argumento não religioso. Mais tarde, em sua obra *De Moderatione* (1737), ele voltou a revelar-se um representante da Reforma na Igreja Católica, apostólica e romana, de acordo com o espírito do Concílio de Trento (1545-1563), assim como defensor intransigente da tradição textual do cristianismo que fazia da Igreja o único interprete legítimo da verdade revelada, que assegurava aos homens a salvação³⁹.

A intensa atividade intelectual de Muratori pode ser comprovada por seu conjunto epistolário de mais de seis mil unidades, ainda hoje conservadas. Trocou correspondências com destacados intelectuais do período como Jean Mabillon, Bernard de Montfaucon e Gotffried Leibniz, o que atesta o reconhecimento do sacerdote e erudito italiano entre seus pares e a sua posição privilegiada na *República das Letras*⁴⁰. Deste imenso epistolário, 20 cartas foram trocadas entre Verney e o bibliotecário de Modena. Empolgado pela leitura do tratado *Dei difetti della giurisprudenza* (1742), o intelectual português tomou a iniciativa de escrever ao seu autor, Ludovico Muratori⁴¹. Quanto ao conteúdo do referido tratado, Regina Célia de Melo oferece a seguinte síntese:

Neste tratado, Muratori, em nome da razão, do direito natural, da erudição, da eloquência, escreveu contra os defeitos da jurisprudência de seu tempo, principalmente os abusos por parte das autoridades, os métodos escolásticos dos juristas, o excesso de leis e de múltiplas interpretações, bem como a falta de uma crítica honesta, alimentada pela filosofia, a ética e a verdade histórica⁴².

Nesta síntese do *difetti della giurisprudenza*, identificamos muitas das filiações intelectuais de Verney. O uso da razão é uma tópica recorrente no *Verdadeiro Método*. Outra característica do autor português é não dissociar erudição e eloquência; dentro de seu sistema pedagógico, a retórica não é contrária ao conhecimento objetivo.

³⁸ *Idem.*

³⁹ *Ibid.* p.20.

⁴⁰ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p. 122.

⁴¹ MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.81.

⁴² *Idem.*

Assim como uma “crítica honesta” “pautada pela verdade histórica”, conformaram um uso pragmático da historiografia, a qual é apresentada no *Verdadeiro Método* para fundamentar as concepções de Verney na relação entre filosofia e teologia.⁴³ Mas, para ter uma ideia da avaliação que o intelectual lusitano recebeu, mais importante do que a admiração que Verney teve por Muratori, cabe aqui apontar para o juízo positivo que este dirigiu à Verney:

Ninguém ignora, por certo, quanto se distinguem os portugueses pela agudeza do engenho. Todavia sou da opinião de que os estudos não se acham ainda entre eles suficientemente expurgados da ferrugem das épocas bárbaras. Vi, há pouco, o primeiro volume da Real Academia de Lisboa, e notei, sem dúvida, que era para desejar nele algo de uma crítica mais sã. Certamente, carecem de um sábio conselheiro e de modelo forte, para poderem voltar-se para melhores coisas, e eu não vejo ninguém mais indicado que tu para lhes prestar esse benefício. Eis, com efeito, um homem que, não só preparou com toda espécie de erudição, mas que soube adquirir o melhor das principais ciências⁴⁴.

No trecho acima, Muratori corrobora com a ideia de atraso de Portugal em termos de conhecimento, principalmente porque os estudos, segundo o erudito italiano, não se achavam ainda “expurgados da ferrugem das épocas bárbaras.” Todavia, destaque deve ser dado à alta consideração expressa por Muratori em relação à Verney, o qual seria, conforme o bibliotecário de Modena, o mais indicado para ser o “modelo forte” e um “sábio conselheiro” na condução do reino lusitano no melhor caminho “das principais ciências”.

Na edição do *Verdadeiro Método*, como já foi dito, Luís Antônio Verney fez uso do criptônimo *Barbadinho da congregação de Itália*, isso para evitar complicações com o

⁴³ Quanto à concepção de história apresentado por Luís Antonio Verney no *Verdadeiro Método de Estudar* e a sua utilização do chamado *método crítico* na defesa da religião católica, um excelente trabalho é o de Breno Ferraz Leal Ferreira, em sua dissertação *Contra todos os inimigos. Luís Antônio Verney: historiografia e método crítico (1736-1750)*, onde é reconstituído o ambiente intelectual e político em que o *Verdadeiro Método* foi escrito, Ferreira aponta para o uso pragmático da historiografia por parte de Verney e ressalta a importância de Muratori na obra do erudito português. Porém, por não ser o foco do trabalho de Ferreira, não é apresentada nenhuma reflexão sobre a influência que a leitura do *Institutio Oratoria* possa ter produzido para a concepção de história na obra do suposto Barbadinho. FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.*

⁴⁴ MURATORI, Antonio Ludovico. Carta a Verney *apud*. MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.86.

Santo Ofício. Além do que, publicações anônimas e adoção de pseudônimos e criptônimos foi uma prática recorrente no setecentos; mesmo na França, onde a crítica aos antigos dogmas foi mais radical, esse expediente teve lugar: François Marie Arouet, por exemplo, adotou o pseudônimo Voltaire em muitos de seus escritos⁴⁵. Muratori, por sua vez, fez uso de pseudônimos como *Lamido Pritanio e Antonio Lamprido*. Verney nunca reconheceu a autoria do *Método*, nem mesmo com o parecer positivo feito a este livro por Muratori, que declarou em carta a Verney:

Atribuem-te o livro, escrito em português, chamado Verdadeiro Método de estudar, de um certo Capuchinho, convencidos do grande e desavergonhado atrevimento que consiste em o autor do livro ter usurpado o magistério e pretender aos portugueses qual seja o mais louvável método das ciências nas principais escolas da Europa (...) Desconfio de que isto só pode redundar em teu maior louvor, pois um tal tema não podia devidamente tratá-lo senão alguém que tivesse conseguido um tão invejável progresso no domínio do saber universal. Eu não duvido, por outro lado, de que também muita gente em Portugal há-de aplaudir o autor daquele livro, sem dúvida parente, como todos sabem, dos mais felizes engenhos. Mas também não posso deixar de lamentar, ao mesmo tempo, que outros, e talvez não pequeno número, soltem em torno de si, pelo benefício que lhes é feito, não agradecimentos mas imprecizações⁴⁶.

De acordo com Muratori, o livro demonstra que seu autor produziu os “mais felizes engenhos”, e ser, Verney, associado a tal obra só pode resultar no “maior louvor” de seu nome, pois o autor do *Verdadeiro Método* demonstrou um “domínio do saber universal.” Regina Célia de Melo Moraes, que dedicou boa parte de sua dissertação à análise da troca de correspondências entre Muratori e Verney, declara que, provavelmente, o primeiro sabia que a autoria era de fato do erudito português, porém, preferiu fazer-se de desentendido para não ser desagradável ao seu interlocutor⁴⁷.

⁴⁵ MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.85.

⁴⁶ MURATORI, Antonio Ludovico. Carta a Verney *apud*. MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.93.

⁴⁷ MORAIS, Regina Célia de Melo. *op. cit.* p.95.

A repercussão do Verdadeiro Método de Estudar

Logo nos primeiros anos da publicação do *Verdadeiro Método de Estudar*, e as considerações de Muratori apresentadas anteriormente testemunham isso, a obra ganhou grande repercussão e se tornou tema de controvérsias intelectuais. A primeira reação apareceu em um folheto de autoria do padre jesuíta José de Araújo intitulado *Reflexões Apologéticas* (1748).⁴⁸ A este folheto somaram-se outros escritos em oposição às ideias do suposto “barbadinho da congregação de Itália”. As respostas de Verney às críticas fomentaram um clima de tensão sobre a questão da situação cultural de Portugal.

Mas, como vimos, nem todas as críticas foram negativas. No ano de 1751, o erudito espanhol D. Gregório Mayáns y Siscar, em carta remetida a Andrés Piquer, recomendava a leitura do método do barbadinho, a qual considerava necessário que se introduzisse na Espanha para “desenganar a muitos⁴⁹”. Diogo Barbosa Machado, por sua vez, incluiu o nome de Verney na sua famosa *Biblioteca Lusitana* (1752), onde o intelectual português era descrito com adjetivações positivas. Na França, no ano de 1752, o *Journal des Sçavants*, considerada a mais antiga revista de divulgação científica da Europa⁵⁰, publicou resumos das cartas contidas no segundo tomo do *Verdadeiro Método* e aprovava as disposições presentes no mesmo. Na edição do *Journal* foram expostas as seguintes considerações ao “Barbadinho da Congregação de Itália”:

(...)esse Caputinho que certamente possui gosto e erudição, foi testemunha do estado deplorável das Letras em Portugal, e oferece um quadro que(...) deve nos fazer sentir bem vivamente a felicidade que temos em viver em um País também esclarecido.[tradução livre]⁵¹.

⁴⁸ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.18.

⁴⁹ *Idem.*

⁵⁰ O primeiro número de 1665 anunciava o objetivo do periódico de divulgar as novidades que surgiam na “república das Letras”.

⁵¹ (...)ce Caputin qui certainement a du goût et de l'érudition, a été témoin de l'état déplorable des Lettres en Portugal, et Il offre un Tableau qui (...) doit nous faire sentir bien vivement le bonheur que nous avons de vivre dans un Pays aussi éclairé. *Journal des Sçavants*, 1752, *apud* ANDRADE, António Alberto de Andrade. **Vernei e a cultura do seu tempo**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1966, p.605.

Este trecho também marca a noção de atraso cultural que os demais países da Europa atribuíam a Portugal. Com relação às cartas sobre retórica, são apresentadas alusões elogiosas, de acordo com o periódico:

As cartas quinta e sexta contém um tratado completo de Retórica, Neste autor, sem se deter com quimeras pedantescas que tem iludido tanto Retores pouco filosóficos, remonta aos verdadeiros estudos da eloquência, ensina ao Orador o que deve em diferentes lugares e circunstancias, lugares, tempos e pessoas, qual é o poder das coisas postas em seu lugar; o quanto um exórdio modesto, uma confirmação forte, uma peroração viva, animada de uma elocução brilhante e variada, tem força para subjugar os espíritos, para mover os corações, para conquistar a aprovação, enfim, ele desvenda os principais segredos da arte de agradar, de instruir de persuadir e de emocionar.[tradução livre] ⁵².

Ainda no século XVIII, foram realizadas traduções do *Verdadeiro Método* para o castelhano por Joseph Mayamó y Ribes, o qual dividiu a obra em quatro volumes. Também foi publicado, em 1762, um resumo para o latim: *Synopsis primi tentaminis pro literatura scientiisque instaurandis apud lusitanos*. Este resumo foi vertido para o francês com o título *Essai sur lês moyens de rétablir lês sciences et lês lettres em Portugal*⁵³. De acordo com Breno Ferraz, as polêmicas produzidas em torno da obra, no lugar de desestimular a sua leitura, só fizeram contribuir para a sua maior divulgação⁵⁴.

A tradução para o castelhano contribuiu para a difusão entre autores do México, Equador, Cuba, Peru, Paraguai, Venezuela, Bolívia e Colômbia⁵⁵. A imensa autoridade adquirida pelo erudito português pode ser atestada, além da citação de seu nome entre os intelectuais europeus, pela presença de suas obras em bibliotecas e acervos das colônias portuguesas e espanholas. De acordo com Breno Ferraz, era

⁵² Les cinquième et sixième Lettres continnent un traité complet de Rhétorique, dans lequel l’Auteur sans s’arrêter aux chimères pédantesques qui ont amusé tant de Rheéteurs peu Philosophes, remonte aux véritable sources de l’éloquence, enseigne à l’Orateur ce qu’il doit aux différentes circonstances des lieux, des temps et des personnes, quel est le pouvoir des choses mises em leur place; combien um exorde modeste, une confirmation forte, une péroration vive, animées d’une élocution brillante er variée, ont de force pour subjuguier les sprits, pour emouvoir les coeurs, pour entraîner les suffrages; enfim il dévoile les principaux secrets de l’art de plaire, d’instruire, de persuader er de toucher. *Idem*.

⁵³ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.19.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ *Idem*.

possível encontrar o nome de Verney nas bibliotecas dos padres portugueses de Pequim e também nas ordens e congregações religiosas que atuaram no Brasil, entre as quais temos como exemplos os Carmelitas, Franciscanos, Beneditinos e Oratorianos⁵⁶. As obras do intelectual português também estavam nos acervos de bibliotecas pessoais, como: a do inconfidente Cônego Luís Vieira da Silva, nas Minas Gerais; a do Dr. Miguel Carlos Caldeira de Pina Castelo Branco, o qual foi Juiz de fora em Pernambuco e cumpriu um papel importante na introdução das reformas do ensino em Recife; e a de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que residiu no Rio de Janeiro no século XVIII. Elas também figuravam entre os títulos da livraria que pertenceu ao franciscano D. Miguel da Ressurreição, terceiro bispo de São Paulo, e na Casa do Oratório em Recife⁵⁷.

Aqui, cabe dar ênfase como a obra de Verney foi valorizada depois de sua morte, principalmente pelo trabalho de intelectuais que, desde o final do século XIX, voltaram a utilizar a sua obra nas discussões sobre o suposto atraso cultural de Portugal e Espanha. Na chamada Questão Ibérica, o autor foi associado às correntes iluministas de pensamento e considerado uma exceção no interior do ambiente decadente da cultura portuguesa do setecentos. Houve quem considerasse o debate em torno do método proposto por Verney como a única controvérsia literária relevante antes da Questão Coimbra⁵⁸. Porém, a historiografia conferiu maior importância a Verney e ao *Verdadeiro Método de Estudar* pela ressonância do autor e de sua obra no Alvará Régio de 1759 e nas *Instruções para os Professores de Gramatica Latina, Grega, Hebraica e de Retórica*, documentos estes que instauraram as reformas dos estudos menores em todos os domínios portugueses.

Em suas considerações quanto à natureza e objetivo da retórica, Luís António Verney escreveu:

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.33.

Mas por pouco que se examine o é Retórica, achar-se-á que é Arte de persuadir e, por consequência, que é a única coisa que se acha e serve no comércio humano e a mais necessária para ele⁵⁹.

Para passar a ideia de ordenamento do discurso através das técnicas retóricas, Verney traça um paralelo entre a pintura de uma tela e a composição de um texto:

Um homem douto advertidamente chamou a Retórica a Perspectiva da Razão, porque na ordem intelectual, faz o mesmo que a perspectiva nas distâncias locais. Em tábua lisa, ideia a pintura um palácio com imensa profundidade; e, muitas vezes, com tal artifício e tão semelhante ao natural, que se enganam os olhos. Não são as cores que originam essa deliciosa equivocação, porque com uma só cor se consegue o mesmo intento; mas a disposição das partes, o saber pôr cada uma na sua justa distância, o saber-lhe dar as sombras com proporção da arte, produz esse maravilhoso efeito, e faz que eu veja, reconheça e admire o que de outra sorte não poderia ver.

E complementa:

Este mesmo é o caso da Retórica. Ela tem força tal, que me obriga a descobrir o que eu de outra sorte não veria. Os materiais podem ser simples, as razões mui singelas; mas a disposição delas fará efeitos tais, que sem ela não se conseguiriam⁶⁰.

Depois de determinar em que consiste e para que serve a retórica — no *Verdadeiro Método de Estudar* se apresenta qual é a extensão de aplicação das técnicas de persuasão —, Verney busca se contrapor a uma tradição letrada que limita a aplicação da retórica ao púlpito; na sua concepção, “todo o lugar é teatro para a retórica⁶¹”:

(...) sendo a retórica arte de persuadir, tinha lugar em todo discurso que seja proferido com este fim. Do que segue que a Retórica tem tanta extensão, quanta qualquer língua; o que muitos não entendem, ainda dos que lêem as Retóricas. Parece paradoxo a muitos destes enfarinhados nos estudos dizer-se que numa carta, que é escrita com estilo simples, numa poesia, na História e num discurso familiar etc., deve ter lugar a Retórica⁶².

Os trechos acima, se comparados com aquilo que foi disposto na *Instruções para os Professores de Retórica*, documento anexo ao Alvará Régio de 1759, permitem

⁵⁹ VERNEY, Luís António. *op. cit.*02V. p.05.

⁶⁰ *Ibid.* p.08.

⁶¹ *Ibid.* p.05.

⁶² *Ibid.* p.62.

notar o quanto as ideias de Verney ecoaram na reforma dos estudos menores. De acordo com as Instruções:

A Rhetorica ensina a falar bem, supondo já a Sciencia das Palavras, dos termos, e das Frases: ordena os pensamentos, a sua distribuição e ornato. E, com isto, ensina todos os meios e artifícios para persuadir os ânimos e atrair as vontades. É, pois, a retórica a arte mais necessária no comércio dos homens, e não só no Púlpito ou na Advocacia, como vulgarmente se imagina. Nos discursos familiares, nos negócios públicos, nas disputas, em toda a ocasião em que se trata com os homens, é preciso conciliar-lhes a vontade e fazer, não só que entendam o que se lhes diz, mas que se persuadam do que se lhes diz e o aprovelem⁶³.

O modelo pedagógico instaurado em Portugal depois de 1759 rompeu com algumas diretrizes de ensino estabelecido pela companhia de Jesus, mas houve a permanência de alguns elementos. Assim como foi entre os inicianos, a retórica e os modelos oferecidos pela antiguidade greco-romana continuaram a ser fundamentais na formação da elite letrada luso-brasileira. A presença dos antigos pode ser identificada em mais um documento que acompanhava o Alvará: a *Memória dos livros aconselháveis e permitidos para o Novo Método*, que relacionava, entre as obras que deveriam ser utilizadas nas aulas, a *Artes*, de Antônio Pereira e Antônio Félix Mendes, dois tomos da *Seleta* de Chompré, o primeiro tomo de Quintiliano, as *Orações seletas* de Cícero, o *Tito Lívio* e o *Dicionário latino e português*. Todas impressas para serem enviadas para os diversos territórios do reino.

No período em que Verney editou o seu *Verdadeiro Método*, havia três formas básicas de transmissão e circulação das ideias: os impressos (periódicos, publicações literárias, revistas, manifestos e gazetas), as viagens e as correspondências⁶⁴. Comparando com outros países europeus de intensa produção intelectual, logo se percebe a defasagem portuguesa no que tange a produção de impressos. Ao longo do

⁶³ *Instruções para os Professores de Retórica. apud* ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. "Apêndice Documental", In: **A reforma pombalina dos estudos secundários no Brasil**, São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

⁶⁴ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.111.

setecentos, foram criados trinta e sete jornais em Portugal, enquanto na França, de 1699 a 1789, foram criados mais de mil periódicos⁶⁵. A circulação desses periódicos era reduzida aos assinantes e não havia uma regularidade nas edições⁶⁶. No entanto, é possível notar um aumento significativo do número de edições e gramáticas de língua estrangeira no período que vai de 1730 a 1770, o que mostra a existência de um processo de intensificação dos contatos culturais entre Portugal e outros países, iniciado com o aumento das atividades diplomáticas e o maior investimento na produção cultural no governo D. João V⁶⁷.

A obra de Verney teve grande difusão, conforme se viu pela sua presença em bibliotecas da Europa e nas ordens religiosas estabelecidas nas colônias portuguesas e espanholas. A identificação das ideias de Verney nos documentos que estabeleceram a reforma dos estudos menores em 1759 e o destaque dado a ele nas pesquisas históricas sobre a ilustração portuguesa e sobre a questão Ibérica são elementos que comprovam a importância que o seu nome tem para a história intelectual luso-brasileira. Mas, antes de dar início à análise dos usos de Quintiliano na escrita das cartas cinco e seis do *Método*, vou apresentar algumas características do sistema de ensino em que Luís Antônio Verney recebeu sua formação.

O humanismo na formação de Verney

A ideia de um conhecimento humanístico, o qual deriva das noções de humanidades e humanismo, é avesso a uma formação de tipo técnica e especializada, pois está voltada para um conhecimento de ordem geral.⁶⁸ A origem etimológica desses termos está na palavra grega *Paidéia* (de onde *paidagogia*), Varrão e Cícero, por

⁶⁵ CARVALHO JÚNIOR, Eduardo Teixeira de. **Verney e a questão do Iluminismo em Portugal**. Dissertação de Mestrado, UFPr, 2005. p.26.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ *Ibid.* p.31.

⁶⁸ O caso francês é bastante esclarecedor quanto a esse estado de coisas. Na França, até 1880, era permitido ao indivíduo que possuísse licença de letras o exercício do magistério no ensino de francês, latim, história, filosofia e religião. Havia a figura do “professor polivalente”, que em uma escola lecionava em diversas matérias. Somente no século XX as universidades começaram a oferecer uma formação especializada em cursos como história, letras e filosofia. Identifica-se, assim, a longa duração de uma formação de ordem geral iniciada pelos antigos e que, retomada pela renascença, chegou até o início do século passado. FERNANDES, Giselle. **Composição de textos na escola brasileira: em busca de uma história**. Do *Ratio Studiorum* aos manuais de estilo do final do século XIX. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006. p.42.

sua vez, traduziram esse vocábulo grego para o latim *humanitas*.⁶⁹ Todas essas palavras guardam uma noção análoga, a saber, de uma formação completa do indivíduo. Já o termo humanismo aparece pela primeira vez em uma obra datada de 1803, autoria do educador Friedrich Immanuel Niethammer. Acízelo de Souza conclui disto que:

(...) o conceito de humanismo é de extração pedagógica, designando um ideal de educação voltado para a formação integral do homem, distinto, assim, do propósito de preparar os indivíduos para o exercício de tarefas especializadas. Em outros termos, a educação humanística pretende facultar um conhecimento comum a todos os homens, concebido como matéria, coincidente com a própria natureza ou essência humana, donde sua designação mediante a palavra latina *humanitas*, literalmente humanidade, propriedade do que é humano⁷⁰

Acízelo reforça que a ideia de transmissão de uma cultura geral não deve ser vista de forma pejorativa, como “noções superficiais e inúteis sobre variedades”. A palavra “geral”, no contexto pedagógico que aqui está sendo abordado, deve ser entendida como aquilo “que interessa irrestritamente a todos, isto é, o que, sendo comum, é da ordem do comunicável.” Dada a importância da palavra nesse ambiente pedagógico, compreende-se a centralidade que as técnicas de manipulação e comunicação da linguagem ocupavam nas instituições de ensino⁷¹; a própria retórica desenvolvida entre os gregos possuía, além de uma finalidade prática na defesa de pontos de vistas no fórum ou na assembleia, a intenção de oferecer uma formação intelectual identificada com a cultura geral.

Essa matriz pedagógica humanística, que tem como modelo primeiro o padrão de educação helenístico estabelecido nos séculos III e II a.C, imprimiu “marcas

69 Souza, Roberto Acízelo de. *op. cit.* P.21.

70 Acízelo de Souza também identifica o vocábulo latino *Humanitas* pluralizado nas línguas modernas, de onde temos: o português *humanidades*, o francês *humanités*, o inglês *humanities* e no alemão *humanwissenschaften*. *Ibid.* p. 22.

71 Quanto a uma noção não depreciativa de cultura geral em oposição ao conhecimento especializado Marrou declara: “Cultura geral, mas também cultura comum: justamente por conduzir a tudo, ela convém a todos e constitui, destarte, um poderoso fator de unidade entre homens(...)O verbo é instrumento impar de toda cultura, de toda civilização, por ser o mais seguro meio de contato e intercambio entre os homens: ele rompe o círculo encantado da solidão em que, por sua competência, o especialista tende, inevitavelmente, a encerrar-se.” Marrou. *apud* SOUZA, Roberto Acízelo de. *op. cit.* p.22

profundas” na experiência intelectual do ocidente.⁷² A longa duração desse modelo (que em cada época sofreu deformações) foi produto de sucessivas apropriações de conjuntos de elementos da cultura clássica. Mesmo com a ascensão do cristianismo católico, essa “herança” sobreviveu e chegou a Idade Moderna.

Na experiência intelectual luso-brasileira, as instituições educacionais jesuíticas foram responsáveis pela formação dos indivíduos por mais de dois séculos. Criada no ano de 1540 por iniciativa de Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus foi uma das respostas católicas ao movimento reformista iniciado por luteranos e calvinistas. A obediência irrestrita ao Papa e aos superiores hierárquicos rendeu aos membros da Companhia a denominação de “soldados de Cristo”. Desde o início, a ordem mostrou vocação para a ação pedagógica: inicialmente suas atividades educativas estavam voltadas para a catequização, porém, no ano de 1543, três anos após o reconhecimento da ordem pela autoridade papal, os jesuítas abriram o seu primeiro colégio para não religiosos em Goa, na Índia. Instituições como essa, controladas por membros da ordem, se proliferaram pela Europa e outros continentes — é conhecida a ação catequética dos inacianos no Tibet, China e Japão. No Brasil colônia, a Companhia foi responsável pela maior parte das instituições de ensino, até a ordem de sua expulsão de todos os domínios portugueses em 1759.

Em 1599, os jesuítas promulgaram o *Ratio Studiorum*, o qual consistia em um método que buscava conferir uniformidade ao ensino ministrado nos colégios controlados pela ordem. João Adolfo Hansen propôs a tradução de *Ratio* por “plano”, “ordem”, “regra” ou “razão”, de onde o manual dos jesuítas pode ser traduzido como plano ou ordem dos estudos⁷³. Nesse compendio pedagógico não estavam apenas orientações quanto aos conhecimentos a serem ministrados, também havia orientações quanto a condutas e comportamentos a serem adotados por mestres e alunos.

72 SOUZA, Roberto Acízelo de. *op. cit.* P.22.

73 HANSEN, João Adolfo. *Ratio Studiorum e Política Católica Ibérica no século XVII* In: HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Brasil 500 anos: tópicos de história em educação**. São Paulo: Edusp, 2000. p.13.

Os estudos das instituições educacionais dos inicianos estavam divididos em dois níveis: o curso inferior e o curso superior. O primeiro correspondia aos estudos de nível secundário e, seguindo as diretrizes contidas no *Ratio*, era composto pelas disciplinas de gramática, humanidades e retórica⁷⁴. Estas matérias não eram inteiramente dissociadas entre si, pois formavam um todo harmônico em que a palavra ocupava o centro. O segundo nível dos estudos, correspondente ao nível superior e de caráter universitário, também seguia as preceptivas presentes no *Ratio Studiorum*. Para este nível estavam previstas as classes de matemática, filosofia, teologia, metafísica, hebreu e teologia moral⁷⁵. O fundamento desse conhecimento eminentemente verbal era a literatura greco-romana clássica⁷⁶. Mesmo no universo sagrado da formação cristã e católica, a produção intelectual dos antigos se fazia presente.

Luis Antonio Verney foi educado no interior deste sistema pedagógico humanístico consolidado na Renascença, mas com raízes na Antiguidade Clássica. Nascido no ano de 1713, logo nos primeiros anos de sua infância sua educação nas primeiras letras foi confiada um antigo capelão, o P. Manuel de Aguiar Paixão. Depois, o Jovem Verney foi levado ao Colégio de Santo Antão, instituição administrada pela Companhia de Jesus. Passados alguns anos transferiu-se para a Congregação do Oratório – que no século XVIII já disputava espaço na educação com os inicianos- Mas, voltou a estudar em uma instituição sob o controle dos Jesuítas, o Colégio Madre de Deus, onde se graduou em artes e obteve acesso aos Estudos Superiores na Universidade de Évora⁷⁷. Aos 23 anos de idade deixa Portugal e vai para a Itália. Mesmo já tendo obtido formação em teologia na Universidade de Évora, em Roma mais uma vez se inscreve nos estudos universitários. Repetiu o curso de teologia e se graduou também em jurisprudência civil dando então fim a sua vida

⁷⁴ FERNANDES, Giselle. *op. cit.* P.41.

⁷⁵ O distanciamento entre os critérios atuais de diferenciação disciplinar do saber e aqueles adotados entre os séculos XVII e XVIII pode ser apreendido na análise dos conteúdos previstos para a classe de matemática, na qual também se aprendia noções de física e geografia, e da classe de filosofia, a qual incluía noções de física e meteorologia. *Ibid.* p.42

⁷⁶ *Ibid.* p.41.

⁷⁷ Esta instituição na época era voltada para a formação de religiosos.

estudantil⁷⁸. Nenhum de seus biógrafos sabe informar quando e sob quais circunstâncias Verney resolveu romper com o sistema educacional dos jesuítas.

Em suas críticas aos inacianos, o erudito português propôs mudanças para o modelo educacional do reino português. Em seu sistema, estava presente, ainda que de forma velada, uma concepção de conhecimento baseada no empirismo inglês em oposição ao modelo especulativo aristotélico, o que indica a sintonia do autor português com as correntes de pensamento ditas “progressistas” — quanto a isso, mais de um autor já apontou para as influências de John Locke e Isaac Newton no sistema verneiniano. Porém, o intelectual português não rompeu com a tradição humanística baseada em modelos da antiguidade clássica, mesmo com a crítica aos saberes baseados “na ordem das repetições”, na querela entre Antigos e Modernos, que teve lugar na época em que viveu Verney, este pendeu para o lado dos antigos.

No *Verdadeiro Método*, a retórica foi apresentada como o mais útil dos conhecimentos, como aquele saber que organiza e confere as possibilidades de comunicação de todos os outros saberes. Era a retórica que oferecia os protocolos de leitura e as técnicas e regramentos das práticas escriturárias, ou seja, era, a um só tempo, uma ferramenta hermenêutica, pois orientava a interpretação dos discursos, e heurística, ao oferecer as regras e parâmetros da produção das mais diversas falas. A retórica, portanto, regulava a comunicação entre os indivíduos tanto na sua dimensão oral quanto na escrita. No modelo retórico que apresentamos anteriormente, a invenção aparece como a primeira parte da retórica e corresponde à procura de argumentos e provas que serão dispostas no discurso — no setecentos, pretendia-se que, quanto maior fosse a erudição de um indivíduo mais desenvolvida seria sua competência na *inventio*. Por isso, para entender como os antigos possam ter influenciado Luís António Verney na escrituração das cartas cinco e seis do *Verdadeiro Método de Estudar*, apresentarei algumas considerações sobre o processo de formação intelectual que, no século XVIII, antecedia à escrita: a leitura.

⁷⁸ Quanto as informações biográficas de Verney consultar ANDRADE, António Alberto de Andrade. **Vernei e a cultura do seu tempo**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1966.

Como o título deste trabalho indica, Verney foi leitor de Quintiliano; não só dele, mas dos autores da Antiguidade em geral: tanto dos mestres de retórica como da literatura⁷⁹ em sentido mais amplo. Para compreender as influências que estes autores possam ter representado na formação intelectual e na obra de Verney, uma ferramenta de interpretação indispensável são os protocolos de leitura⁸⁰ oferecidos pelo sistema de ensino em que o autor estava inserido, pois tais protocolos oferecem pistas das possíveis interpretações que o frade português estabeleceu a partir de suas leituras da antiguidade.

A reflexão sobre as influências retóricas na formação dos intelectuais do século XVIII leva em conta quais foram as formas de leitura e escrita adotadas pelas instituições de ensino da época. Hoje, consolidado o processo de especialização dos discursos em diferentes categorias disciplinares, o ensino de gramática, redação e literatura correspondem a matérias curriculares autônomas. A cristalização desse processo de diferenciação pode ser observada nos exames seletivos que dão acesso às universidades de todo o país. Porém, até o final do século XIX, essas matérias estavam subsumidas no ensino da retórica. Giselle Fernandes, em tese de doutorado defendida na faculdade de Educação da USP, fez menção ao surgimento, nas últimas décadas do oitocentos, de dois tipos de manuais: um que privilegia a forma e organização textual e outro voltado para o conteúdo do texto.⁸¹ Já nos compêndios de

⁷⁹ O que entendemos hoje por literatura no século XVIII estava inserido no campo de estudo das Belas Letras. Por isso o termo literatura aqui se refere a todo e qualquer texto, de caráter artístico ou não.

⁸⁰ Roger Chartier em sua proposta de uma história do livro e da leitura propôs uma distinção prévia na análise da produção de artefatos literários. Conforme o historiador francês dois processos interferem na recepção dos escritos. O primeiro diz respeito à fase escriturária, onde o autor faz uso de convenções literárias e de técnicas, narrativas ou poéticas, que tendem a impor um *protocolo de leitura*. Esse protocolo de leitura tenta indicar ao leitor como o texto deve ser lido, ou seja, diz respeito à forma como o autor pretende que sua obra seja interpretada. O outro processo diz respeito às formas e aos suportes dos textos, pois, conforme o historiador francês, o impresso não pode ser considerado um suporte neutro. A seleção, o recorte e a ordenação do objeto literário sugerem uma interpretação que escapam a intenção original do autor. CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger org., **Práticas da leitura**. 4^oed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p.96.

⁸¹ FERNANDES, Giselle. *op. cit.* p.15

retórica e poética que circularam em Portugal e no Brasil nos séculos XVIII e XIX, forma e conteúdo não estavam dissociados; a prática da escrita era acompanhada da leitura, pois “escrever bem era resultado da assimilação da forma como os mestres da literatura escreviam⁸².”

Esta mudança pedagógica ocorrida no século XX corresponde ao processo de esvaziamento da retórica do qual fala Roberto Acízelo de Souza⁸³. Sua obra foi pioneira no estudo da relevância do ensino de retórica e da poética na formação dos indivíduos durante o Brasil Império; antes dele, as reflexões sobre o tema eram de caráter genérico e, sob influência da crítica romântica e modernista, faziam julgamentos pejorativos à formação intelectual luso-brasileira. Em *O Império da Eloquência*, a retórica é apresentada com o estatuto de “instituição ocidental”. Acízelo constatou sua presença no interior das academias eruditas do século XVIII, no sistema de ensino eclesiástico do Brasil Colônia, no interior dos currículos pedagógicos posteriores à reforma dos estudos realizadas sob o ministério de Pombal e, mesmo após a independência, nas principais escolas do Brasil Império. Em sua genealogia do ensino de retórica, Acízelo de Souza identificou a influência desta na formação dos poetas, da crítica e da história da literatura, e na formação de um público leitor ao longo do século XIX, no Brasil e em Portugal. Porém, com a consolidação dos paradigmas estéticos do romantismo e do modernismo, a palavra retórica assumiu um significado negativo e desapareceu do currículo das instituições de ensino de todo o país⁸⁴.

⁸² Segundo Gizele Fernandes, até a década de 1960 essa prática de aprendizagem da produção textual baseada em modelos consagrados da literatura universal e nacional ainda persistia, *Idem*.

⁸³ SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência**. *Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

⁸⁴ Quanto a isso ver SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência**. *Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999. HANSEN, João Adolfo. **Notas Sobre o “Barroco”**. Ouro Preto: Revista do IFAC, n.04, 1997. p.11-20. & HANSEN, João Adolfo. “Um nome por fazer”. In: *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: UNICAMP, 2004, pp. 29-104.

Com exceção de sua educação nas primeiras letras, a qual se deu através do preceptor Padre Manuel de Aguiar Paixão, contratado por seu pai, Verney recebeu o resto de sua formação em nível inferior e superior de mestres inicianos. Por isso, até o rompimento com seus mestres (ao que tudo indica, ao mesmo tempo de seu ingresso na ordem dos oratorianos em Roma), o seu contato com a cultura clássica foi mediado pelas instituições reguladas por diretrizes pedagógicas dispostas no *Ratio Studiorum*. Depois da fase propedêutica de seus estudos, feitas em sua casa, o jovem Verney foi para a escola de Santo Antão e, depois, ingressou na Universidade de Évora, ambas as instituições controladas pela Companhia de Jesus.

De acordo com Giselle Fernandes, no método de ensino jesuítico, o aprendizado da leitura não estava vinculado ao da escrita. O primeiro grande processo de alfabetização europeia foi resultado da “catequização em massa”, tanto católica como protestante, ocorrida entre os séculos XVI e XVIII, e teve como principal resultado “a instauração de uma aprendizagem durável da leitura, e apenas dela. A escrita vinha como uma aquisição posterior e nem sempre necessária⁸⁵”. Isto se deve a uma questão sócio-cultural (a leitura voltada para fins religiosos e edificantes) e, também, material (como a dificuldade de acesso ao papel, que, durante muito tempo, foi um artigo de luxo)⁸⁶. O aprendizado simultâneo da escrita e da leitura só se constituiu em regra no século XIX⁸⁷.

Poucos alunos passavam do nível básico de ensino, que correspondia à aprendizagem da leitura, para o nível dos estudos secundários, no qual era ministrado o ensino da escrita; a maioria era obrigada a desistir em função do alto custo do papel. No caso do Brasil essa situação era ainda mais grave:

No caso brasileiro, no mesmo período, pode ainda ser agregado o fato de que acesso a papel para escrita significava acesso a um bem raro e controlado pelo governo português, já que a única possibilidade de aquisição e transporte legais de livros e papéis

⁸⁵ FERNANDES, Giselle. *op. cit.* p.32.

⁸⁶ *Idem.*

⁸⁷ *Idem.*

aberta aos colonos vivendo no Brasil era importá-los de Portugal, isso após a aprovação dos órgãos de censura⁸⁸.

Essa situação só se alterou de forma significativa no Brasil com a fundação da Imprensa Régia, em 1808. Com o surgimento desta, criaram-se várias fábricas de papel no território da colônia e abrandou-se consideravelmente a censura, em comparação ao período anterior à vinda da família real ao Brasil⁸⁹.

Nos primeiros anos da modernidade, o suporte utilizado pelas instituições educacionais no ensino da escrita consistia em mesas de areia, nas quais os alunos escreviam com o dedo e logo depois apagavam e passavam para outro exercício. Mais tarde, se passou para o exercício da escrita em ardósia com um lápis de pedra e, somente numa fase posterior, evoluiu-se para o uso de papel e pena⁹⁰. De acordo com o estudo de Giselle Fernandes, no Brasil o uso de cadernos só passou a ser objeto privilegiado nos exercícios escolares a partir da década de 1890, embora, desde meados do XIX, já fosse amplamente utilizado em países europeus. A utilização do caderno, hoje um objeto trivial presente no cotidiano escolar, representou uma grande mudança no ensino da escrita à medida que facilitou as atividades de composição textual que exigem treino e rascunho⁹¹.

Esses condicionamentos materiais expostos aqui se referem ao aprendizado da escrita no âmbito do ensino primário, no entanto, para aquele reduzido número de indivíduos que possuía condições de frequentar liceus e colégios, a leitura e a escrita eram aprendidas no ambiente domiciliar, com os pais ou via preceptores contratados para esse fim⁹². Quando estes indivíduos passavam para o ensino secundário da

⁸⁸ *Ibid.*, p.33.

⁸⁹ *Idem.*

⁹⁰ FERNANDES, Giselle. *op. cit.* p.33.

⁹¹ *Idem.*

⁹² Esse foi o caso, por exemplo, dos alunos que freqüentaram as aulas régias instituídas no reinado de D. José I, os quais já haviam passado pelo nível primário de educação onde aprendiam a ler, escrever e contar. No que tange ao ensino de nível superior, desde a Idade Média, com a criação das primeiras universidades do ocidente durante o século XIII, a relação dos intelectuais com a escrita já era um elemento fundamental, quanto a isso Giselle Fernandes declara “(...)dentro das universidades que surgiam, a lectio, entendida aqui como o conteúdo da aula, não era mais o texto a ser memorizado oralmente apenas, mas sim, o texto ditado pelo professor e anotado em cursiva pelo aluno, para somente então ser memorizado. Esse momento significa já um imbricamento inicial entre os universos da leitura e escrita no mundo escolar(...)” FERNANDES, Giselle. *op. cit.* p.36.

instrução, já possuíam as faculdades da leitura e da escrita. É neste segundo segmento que se insere Verney.

O conhecimento humanístico baseado em modelos da antiguidade greco-latina também foi valorizado no ensino jesuítico e, no conjunto das matérias ordenadas pelo *Ratio Studiorum*, maior importância foi dada à retórica. Quanto a isso, Hansen diz:

Fundamental era o estudo da retórica. Esta não era apenas uma matéria entre as outras dos Estudos Inferiores, mas principalmente um modo de pensar e de organizar todas as representações das matérias em todas as atividades dos cursos⁹³.

A hierarquização dos conhecimentos e a importância dada à retórica e à eloquência obedeciam aos critérios e categorias teológico-políticas daquele presente. A valorização da comunicação em sua dimensão oral, por exemplo, teve como uma das motivações a oposição contrarreformista católica à tese luterana da *sola scriptura*. Contra esta, os bispos reunidos no Concílio de Trento confirmaram a autoridade da *traditio*⁹⁴. A defesa da livre interpretação das sagradas escrituras foi considerada herética, e a pregação oral, em oposição à leitura individual da bíblia, foi prescrita como modo privilegiado de propagação da fé e combate às teses luteranas⁹⁵.

A ênfase na oralidade influenciou nas escolhas das estratégias de ensino e na natureza dos vínculos estabelecidos entre leitura e escrita. Para as lições de retórica, o *Ratio Studiorum* estabelecia uma lista de autores da antiguidade greco-romana, os quais deveriam servir de modelo nos exercícios de eloquência e nas práticas de composição escrita. O cânon, de onde eram retiradas as regras e os preceitos da retórica, contava com obras como a *Retórica*, de Aristóteles, *De Oratore* e *Partições Oratórias*, de Cícero, *Retórica Para Herênio*, de autoria desconhecida, mas na época atribuída a Cícero, e a *Institutio Oratoria*, de Quintiliano⁹⁶. Todos estes textos estavam inseridos em uma cultura que possuía fortes laços com a oralidade, pois a literatura

⁹³ HANSEN, João Adolfo. *op. cit.* 2000, p.19.

⁹⁴ JULIA, Dominique. Leituras e Contra Reforma. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol.02, p.79.

⁹⁵ *Ibid.* p.80.

⁹⁶ HANSEN, João Adolfo. *op. cit.* 2000, p.19.

produzida na antiguidade era escrita com o objetivo de ser apresentada oralmente e o indivíduo era formado para que estivesse apto a defender seus pontos de vista nas assembleias ou nos fóruns. As obras e autores escolhidos, portanto, adequavam-se às reformas disciplinares instituídas pelo Concílio de Trento, contidas no decreto *Super lectione et praedicatione*, de 17 de junho de 1546, onde se estabelecia que “a transmissão da verdade da ‘tradição’ e da ‘escritura’ seria feita pela palavra oral divulgada no púlpito por pregadores inspirados pelo Espírito Santo.”⁹⁷

Muito embora Aristóteles possuísse imensa autoridade no conjunto doutrinário neo-escolástico jesuítico, no que diz respeito ao ensino de retórica, dois autores latinos ocupavam um espaço destacado no *Ratio Studiorum*: Cícero e Quintiliano. O primeiro como modelo de orador, o segundo por sua vocação pedagógica. Pode-se inferir daí a influência que a formação pedagógica jesuítica exerceu sobre Verney, tendo em vista a importância que este atribuiu aos latinos no seu método.

Em função da manutenção do latim como o idioma falado entre os religiosos católicos, os vocábulos presentes nos manuais de retórica latinos se mantiveram, na maioria dos casos, inalterados. Isso pode dar a impressão que os preceitos retóricos da antiguidade romana se mantiveram os mesmos até o século XVII, porém, os objetivos e o significado da retórica na Roma antiga e no interior da Igreja católica no período pós-tridentino eram diferentes. Para adequar os preceitos da retórica clássica às práticas catequéticas, a Igreja Católica submeteu os autores pagãos a um processo de moralização.

Na proposta de educação ideal dos jesuítas, o ensino era voltado para a formação intelectual e moral do indivíduo, por isso a seleção de obras antigas, que serviriam de base nas aulas, obedecia a critérios éticos rigorosos. Obras consideradas imorais eram desaconselhadas pelo *Ratio*. A oposição dos católicos à leitura individual proposta pelos protestantes não se restringia à Bíblia; em função da

⁹⁷ HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 p.23.

imoralidade latente dos autores pagãos, as edições autorizadas pelo Santo Ofício eram acompanhadas de comentários autorizados de membros do clero. A preleção (*lectio*) era a primeira parte da aula nas instituições reguladas pelo *Ratio Studiorum* e era realizada segundo a lógica dos comentários, que consistia na exposição oral do resumo de um texto qualquer selecionado pelo professor para servir de tema para a aula⁹⁸. Os comentários feitos pelo professor na preleção estavam adequados à interpretação autorizada pela Igreja e não havia a pretensão de originalidade ou inovação por parte do educador⁹⁹.

Com a expansão do número de impressos, a adição de comentários aos textos originais foi um subterfúgio importantíssimo nas estratégias contrarreformistas. Os jovens, príncipes, nobres ou clérigos tinham um acesso mediado aos textos antigos¹⁰⁰, onde a obra original era precedida por um arrazoado que apresentava uma interpretação autorizada da obra. Nas escolas jesuíticas o aluno não tinha um acesso direto aos textos clássicos, mas a trechos selecionados e organizados em ontologias, as quais, obviamente, eram antecedidas ou permeadas por glosas feitas por professores da ordem. O objetivo era evitar que a tradição clássica fosse usada de formas incongruentes com as virtudes cristãs. Conforme Grafton:

Esse processo ocorria em salas de aula de toda a Europa e, por volta do início do século XVI, alguns professores mais criativos ofereciam em forma impressa o mesmo tipo de orientação. Desse modo criavam uma sala de aula imaginária muito mais ampla do que aquela que poderia ser constituída por uma turma individual. Nesse ponto, a história das idéias, a história do livro e a história da literatura, até então separadas, passam a convergir de forma significativa¹⁰¹.

Além da *lectio*, duas outras atividades eram aplicadas pelos professores: a repetição e a aplicação¹⁰². A este respeito, João Adolfo Hansen observa que a repetição era um dos principais procedimentos do sistema pedagógico dos inicianos, onde tudo se repetia a todo o momento para gravar, nos espíritos dos alunos, tópicas

⁹⁸ HANSEN, João Adolfo. *op. cit.* 2000, p.23.

⁹⁹ *Idem.*

¹⁰⁰ ANTHONY, Grafton. O leitor humanista. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol.02, p.27.

¹⁰¹ *Idem.*

¹⁰² HANSEN, João Adolfo. *op. cit.*2000, p.23.

e normas adequadas à ortodoxia. Este método de memorização estava fundamentado nas técnicas de memória desenvolvidas na antiguidade greco-romana¹⁰³. Isto demonstra como os elementos da cultura humanística renascentista foram preservados nos círculos letrados eclesiásticos. As práticas de memória e a dimensão oral da comunicação se entrelaçavam, pois as qualidades auditivas do texto eram importantes na conformação do bom gosto literário. Seguindo o exemplo da tradição intelectual da renascença, dentro das instituições educacionais da Companhia de Jesus, a apropriação mais íntima com o texto se dava no momento que ele era verbalizado no ato da fala. Tanto o mestre humanista quanto o professor jesuíta treinavam o aluno “para ver a página de literatura antiga como um roteiro de exibição verbal, algo que exigia uma memória e uma dicção apuradas¹⁰⁴.”

Conforme o argumento apresentado por Anthony Grafton, a identificação dessas “habilidades de percepção”, que eram apreendidas com aplicação e esforço por parte dos alunos, ajuda a “reconstruir o olhar de um período, o modo como indivíduos identificáveis foram treinados por sua cultura” para interpretar as mais variadas formas verbais¹⁰⁵. No período em questão, notamos como os antigos eram fundamentais, tanto na formação intelectual de uma elite letrada quanto na missão evangelizadora católica após o concílio de Trento. Além dos textos selecionados para servir como modelo de bom gosto e aplicação das regras retóricas, as técnicas formais de leitura e interpretação desses textos também eram de origem clássica¹⁰⁶.

Como foi dito acima, Verney propôs mudanças ao sistema pedagógico português controlado pelos jesuítas, porém a retórica permaneceu com o status que possuía nos sistema ordenado pelo *Ratio Studiorum* e, no *Verdadeiro Método de Estudar*, é apresentada como o conhecimento mais importante e necessário para “o comércio entre os homens”. A dimensão oral da comunicação, a importância da memória e a imitação de modelos antigos também serão elementos constitutivos das práticas de eloquência apresentadas por Verney nas cartas V e VI. Nessas cartas, a principal

¹⁰³ *Idem.*

¹⁰⁴ ANTHONY, Grafton. O leitor humanista. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol.02, p.

¹⁰⁵ *Ibid.* p.26.

¹⁰⁶ *Idem.*

mudança apresentada em relação ao sistema então vigente é a substituição do Latim pelo português como o principal idioma do aprendizado, fato que alterou o estatuto dessa língua, mas não a excluiu imediatamente dos currículos.

CAPÍTULO II

A presença dos latinos

Na esteira da tradição letrada do humanismo renascentista e do sistema de ensino jesuítico, Verney também apresentou os “Antigos” como modelo de bom gosto literário e exemplo de aplicação de técnicas retóricas. A observância do decoro que pressupõe o uso “judicioso” dos ornatos é possível, segundo Verney, “com a lição de bons autores, que falem como devem e proporcionem o estilo ao assunto¹⁰⁷.” Os autores indicados nas cartas V e VI são autoridades da antiguidade grega e romana. Segundo o erudito português, é a lição dos bons livros que indica o caminho da boa eloquência. Entre as obras e autores que ocupam espaço privilegiado no *Método*, destaque foi dado ao *De Oratore* de Cícero, a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, a *Retórica* de Aristóteles e *Do Sumo Bem* de Longino.

O Verdadeiro Método segue o esquema de apresentação de outros manuais de retórica que circulavam fora da Península Ibérica no período. No início da Carta Cinco, é situada a origem das técnicas de argumentação na Grécia, depois “agradou esta erudição aos Romanos, que se regularam pelo mesmo método, e tanto se entregaram a ela, que, se não excederam os gregos na ciência, sem dúvida excederam-nos na aplicação do exercício.”¹⁰⁸ Convencionou-se, portanto, papéis distintos para gregos e para romanos no desenvolvimento da arte do bem dizer: os primeiros como criadores e os segundos como seguidores, que, através do vasto império unificado por uma língua comum, foram responsáveis por divulgar e consolidar essa *techne* (que os latinos traduziram para *ars*) criada pelos gregos. Mesmo atribuindo aos helenos o papel de artífices e de excelência nas técnicas de persuasão, os romanos aparecem como os principais cultores, e será Cícero o grande modelo de orador adotado ao longo de todo o século XVIII. Pelo mapeamento dos nomes citados nas cartas cinco e seis percebe-se que a retórica latina foi privilegiada por Verney. Conforme o quadro abaixo:

¹⁰⁷ VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1949(1746). 02V. p.89.

¹⁰⁸ *Ibid.* p.05.

Autores gregos	Autores latinos
<ul style="list-style-type: none"> -Homero -Demóstenes -Ésquines -Isócrates -Demétrio de Faleros -Aristóteles 	<ul style="list-style-type: none"> -Cícero -Virgílio -Quintiliano -Fedro -Plínio, o Jovem -César -Cornélio Napote -Sêneca -Lucano -Tácito -Cornélio Celso -Longino

Se considerarmos os doutores da Igreja, o número de referências latinas é maior ainda.¹⁰⁹ Claro que o maior número de citações feitas a autores latinos não significa que de fato estes fossem sua maior influência, mas, certamente é um indicativo. Além do que, o fato de Verney ter se formado em um sistema de ensino onde a conversação e os exercícios em sala de aula se davam em latim, provavelmente criou uma maior proximidade sua com os autores que escreveram nessa língua. Ao longo desse capítulo, apontaremos outros indícios dessa aproximação encontrados nas disposições do ensino de retórica, presentes no *Verdadeiro Método*.

De acordo com Verney, são cinco as partes da retórica: “Procurar meios de persuadir; dispô-los; falá-los bem; estudá-los de memória; e pronunciá-los com as ações que se devem¹¹⁰.” Essa divisão corresponde ao modelo tradicional oferecido pela *ars rhetorica* latina, a qual divide o processo de elaboração discursiva em *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *pronuntiatio*. Já o sistema retórico grego dividia o discurso em quatro partes: *Heiresis* (invenção), *taxis* (disposição), *lexis* (elocução) e

¹⁰⁹ Entre os primeiros padres da Igreja Católica que foram doutos nos estudos de retórica Verney cita Santo Agostinho, S. Jerônimo, S. Gregório Naziazeno, S. Basílio, Santo Ambrósio, Basílio Cesariense, Fócio, Santo Ambrósio, João Crisóstomo.

¹¹⁰ VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.105.

hypocrasis (ação ou pronúnciação). Foi no sistema oratório romano que se incluiu a memória¹¹¹. Mas, de acordo com Rezende, nem mesmo em Roma houve consenso quanto à adição da memória: Cícero, por exemplo, considerava a memória como uma aptidão natural e não a incluía entre as partes da retórica.¹¹²

Mesmo tendo Cícero como modelo insuperável, a inclusão da memória no *Verdadeiro Método de Estudar* aproxima sua concepção retórica da perspectiva apresentada na *Institutio Oratória*. Na verdade, a própria eleição de Cícero como o orador ideal pode ser interpretado como uma influência de Quintiliano. Segundo Rezende, Quintiliano via em Cícero o equilíbrio entre conhecimento teórico, sensibilidade poética e, principalmente, vigor moral. A personalidade de Cícero sintetizava as características do orador ideal projetado pela *Institutio*. No Livro X Quintiliano assim o apresenta:

Em tudo o que ele diz há tão grande autoridade, que não concordar é constrangedor. Essa autoridade carrega não o empenho de um advogado, mas a credibilidade de um testemunho ou de um juiz. É certo que todas essas qualidades, das quais uma única só pode ser alcançada por um outro qualquer com intensíssima dedicação, fluem naturalmente para ele, enquanto que um discurso, do que nada se ouviu de mais belo, leva a facilidade mais fecunda.¹¹³

Diante de tudo isso, merecidamente, por todos os homens de seu tempo, se disse que ele reinou nos tribunais. Junto dos que vieram depois dele, aconteceu que CÍCERO não mais seja considerado o nome de um homem, mas o da eloquência. Que o tenhamos diante dos olhos; nele nos seja proposto o exemplo; que tenha a certeza de haver feito progressos aquele a quem Cícero tiver agradado.¹¹⁴

Nem mesmo Verney teceu comentários tão dignificantes a respeito de Cícero, porém, as referências às obras do senador romano são recorrentes. De acordo com o sistema proposto pelo intelectual português, aos alunos de retórica deveria ser recomendada a leitura de três obras ciceronianas: *De Oratore*, *Orator ad M. Brutum* e o

¹¹¹ REZENDE, Antonio Martinez de. *op. cit.* p.30.

¹¹² *Idem.*

¹¹³ QUINTILIANO. **Educação Oratória**. X, 1, 111. In: REZENDE, Antonio Martinez de. **Rompando o Silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

¹¹⁴ *Ibid.* X, 1, 112.

De Oratoris Partitionibus. Sendo que estas duas últimas representavam “a quinta essência de toda a Retórica.”¹¹⁵

Entre as mudanças propostas por Verney, estava a substituição do latim pelo português como a principal língua no sistema de ensino. Porém, até meados do século XVIII, em Portugal, os compêndios mais usados na instrução dos alunos eram o *De Arte Rhetorica*, do jesuíta Cipriano Soares, e o *Candidatus Rethoricae*, do Padre Pomey, ambos escritos em latim. Somente o *Candidatus* é criticado nominalmente no *Verdadeiro Método*, ainda que Verney considerasse todos os manuais que então circulavam em Portugal como obra de “retóricos vulgares” que só sabiam inspirar “maus princípios”. Em tom irônico, declarou que “para não saber nada, não há melhores livros que os ditos¹¹⁶”.

De acordo com Verney, aos maus princípios inspirados pelos compêndios latinos que então circulavam, somava-se a dificuldade imposta pela ausência de uma retórica escrita em português, pois para “facilitar a inteligência” o ensino da retórica deveria ser em vulgar. Por isso, além de recomendar aos alunos a leitura dos três livros de Cícero supracitados, ao mestre de retórica cabia explicar tudo sobre esse autor e apontar para o uso dos artifícios em suas orações. A leitura dos alunos, seguindo os princípios expostos por Verney, deveria ser condicionada pela orientação do mestre, o qual nas orações ciceronianas devia fazer os alunos notarem:

(...)primeiro, a força das razões, dispostas com boa ordem, unidas naturalmente, e amplificadas com artifício. Notar a verossimilidade das ideias, a pureza e a elegância das palavras, a moderação e propriedade dos epítetos, o número oratório (que consiste em certa colocação harmoniosa de palavras, mas que não degenera em verso), a introdução das figuras (quando é necessário excitar as paixões), as precauções que observa para não desagradar.¹¹⁷ 169

Acima apresentamos o número de citações de autoridades gregas e romanas da antiguidade clássica nas cartas V e VI do *Verdadeiro Método de Estudar*, mas, na realidade, o nome de Cícero aparece dezoito vezes, contra sete menções ao nome de

¹¹⁵ VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.171.

¹¹⁶ *Ibid.* p.58

¹¹⁷ *Ibid.* p.169.

Quintiliano. No *Institutio Oratoria*, por sua vez, Rezende identificou 426 menções ao nome de Cícero¹¹⁸. Esse número maior em termos absolutos se deve à diferença entre a dimensão e a natureza da obra do intelectual português e a do *rhetor*¹¹⁹ romano. No *Verdadeiro Método* somente duas das dezoito cartas que o compõem são voltadas para a retórica e, vista no todo, essa obra, de acordo com a opinião de Ivan Teixeira, não apresenta um conjunto doutrinário coeso, e deve ser compreendido antes como “um livro de combate, de crítica da cultura, do que propriamente uma obra de teoria¹²⁰.” O próprio autor demonstra ter essa intenção ao afirmar que pretende oferecer algumas reflexões sobre a situação global do ensino lusitano. A escolha do estilo epistolar também denuncia a despreensão de apresentar, de fato, um tratado epistemológico denso sobre as diversas áreas do saber apontadas no *Método*.

Estudos mais aprofundados foram apresentados por Luís António Verney em obras escritas durante o reinado de D. José I. Em 1751 mandou imprimir o seu *Apparatus ad Philosophiam et Theologiam* e o *De Re Logica*, em 1753 o *De Re Metaphysica*, em 1758 sua *Gramática Latina* e, por último, em 1769 o *De Re Physica*.¹²¹ Quanto à retórica, em trecho da carta VI do *Método*, Verney deu a entender que estava preparando um tratado sobre o assunto para suprir a ausência de um manual das técnicas de persuasão em português. Assim declarava o suposto barbadinho:

Não tenho até aqui visto (pode ser que haja) Retórica portuguesa impressa (...) Sei, porém, que actualmente se copia uma Retórica portuguesa, que me parece própria para formar o bom gosto da Eloquência. Um amigo meu mui particular a compôs para uso seu. Pediu-me notícia dos melhores autores nesta matéria, e deles copiou o que conduzia para o seu intento (...)¹²²

De acordo com os comentários de Antônio Salgado Jr., o amigo e a obra referidos são o próprio Verney e a retórica que ele mesmo planejava publicar ¹²³. Não se tem notícia de algum tratado retórico de Verney que não as duas cartas que aqui

¹¹⁸ REZENDE, Antonio Martinez. *op. cit.* p. 61.

¹¹⁹ O *rhetor* era o professor de retórica.

¹²⁰ TEXEIRA, Ivan. **O Mecenato Pombalino e a Poesia Neoclássica**. São Paulo: Edusp, 1999. p. 60.

¹²¹ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. **Contra todos os inimigos**. Luís António Verney: historiografia e método crítico (1736-1750). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009. p. 19.

¹²² VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.61.

¹²³ *Idem*.

estão sendo debatidas; se ele, em algum momento, teve como projeto escrever um tratado mais denso sobre as técnicas de persuasão, nunca o concretizou.

Fato é que, no que tange à retórica, empreitada muito diversa foi a empreendida por Quintiliano. Em *Rompendo o Silêncio*, Antônio Martinez de Rezende entende que a *Institutio Oratória* constitui “um marco da inteligência humana.”¹²⁴ Não se tratava de uma obra para iniciantes e trazia mais do que meras apreciações técnicas sobre a composição oratória, pois a retórica antiga compreendia aspectos formais, pedagógicos, científicos e morais. As regras da *Institutio* não estavam desvinculadas das práticas sociais.¹²⁵ Entre os romanos, a oratória era a principal das atividades intelectuais: o cultivo da palavra era a marca distintiva de civilidade, por isso era objeto de uma arte.¹²⁶ O estudo da potencialidade da linguagem entre os antigos, e em particular para os romanos, estava voltado para os fins práticos das disputas do fórum e da condução das massas nas assembleias¹²⁷. Aqueles indivíduos que pretendiam seguir a carreira política ou preencher os altos cargos da magistratura dirigiam-se para a escola do *rhetor*, pois era nas escolas de retórica que se oferecia o conhecimento que hoje se atribui ao nível superior de ensino.¹²⁸

Uma noção da importância das práticas oratórias e do ensino da retórica em Roma, na época de Quintiliano, é apresentada por Rezende na diferenciação que ele estabelece entre os termos: retórica, oratória e eloquência. Em diversos casos, esses termos são apresentados como sinônimos ou substituindo um o lugar do outro de forma equivocada. Não obstante, no contexto da antiguidade romana, cada uma dessas palavras possui um significado e um lugar particular. A retórica, para começarmos, era entendida na antiguidade latina como:

(...)a instituição maior, o sistema de estudo da linguagem humana e de toda a produção linguística em forma falada ou escrita, com especial ênfase na sua função de gerar um efeito prático, imediato, mas previamente estabelecido e esperado sobre aquele a quem se destina um discurso produzido¹²⁹.

¹²⁴ REZENDE, Antonio Martinez. *op. cit.* p.56.

¹²⁵ *Ibid.* p.57.

¹²⁶ *Ibid.* p.58.

¹²⁷ *Ibid.* p. 63.

¹²⁸ *Ibid.* p.48

¹²⁹ *Ibid.* p.23.

A oratória, por sua vez, era a manifestação concreta da retórica e consistia no discurso proferido em público¹³⁰, o qual acontecia em um cenário em que tudo era passível de ser teatralizável. Na Roma antiga, a oratória tinha uma atenção quase prioritária, por isso a confusão entre os termos retórica e oratória.¹³¹

E, por fim, a eloquência, compreendida como uma qualidade que se manifestava na eficiência do discurso. A eloquência era, portanto, elemento indispensável no processo de comunicação da antiguidade romana, pois era ela quem garantia a adesão necessária para mover o espírito dos ouvintes, fim último de todo o discurso que tem por objetivo a persuasão. Mas, embora cada um dos termos possuísse uma significação particular, no “sistema da oratória” romana eles faziam parte de um todo orgânico. Segundo Rezende, “o que podemos dizer, em suma, é que, para os romanos, não havia oratória sem retórica; a eloquência, por sua vez, não preexistia à oratória, nem era uma instância independente do discurso¹³².”

Na tradição retórica romana consolidada pelo *De Oratore* e pelo *Institutio Oratoria*, era a matéria que determinava o estilo da oração, a mesma perspectiva adotada por Verney em suas cartas retóricas. O orador, na concepção de Quintiliano, para bem falar deveria ter conhecimento da matéria que estivesse em causa. Por isso, nas escolas de retórica deveria ser oferecido um conhecimento de ordem geral, como o que foi utilizado como modelo pelas escolas renascentistas séculos depois. Essa formação era voltada para capacitar o orador a debater sobre questões de ordem geral e a se aprofundar sobre temas específicos. Podemos, portanto, identificar a influência de Quintiliano na ordenação pedagógica humanista, que tem início na modernidade e prevaleceu, no Brasil e em Portugal, e até as últimas décadas do século XIX.

¹³⁰ Rezende apresenta a etimologia da palavra oratória, a qual é construída a partir do radical latino *os, oris* que significa boca e boca enquanto órgão da fala. *Ibid.*p.24.

¹³¹ *Idem.*

¹³² *Ibid.* p.25.

O estatuto do latim no ensino lusitano: a leitura como diálogo

A questão do ensino do idioma é um fator importantíssimo para se refletir nas formas de aproximação entre texto e leitor. O Alvará Régio de 1759 determinou as novas diretrizes dos estudos menores, os quais correspondiam ao estudo de humanidades no âmbito dos estudos secundários. Muitas das disposições contidas no Alvará e nos documentos que o complementavam atendiam a demandas apresentadas no *Verdadeiro Método de Estudar*. Entre as principais mudanças instituídas no ensino, estava a substituição do latim pelo português como a principal língua do sistema pedagógico no reino lusitano. A *Instrução aos Professores de Gramática Latina* que acompanhava o Alvará determinava o seguinte:

Todos os Homens sabios uniformemente confessão que deve ser em vulgar o Methodo para aprender os preceitos da Grammatica; pois não há maior absurdo, que intentar aprender huma Lingua no mesmo idioma, que se ignora. Tambem assentão que o Methodo deve ser breve, claro, e facil, para não atormentar aos Estudantes com huma multidão de preceitos, que ainda em idades maiores causão confuzão. Por esta razão somente devem usar os professores do Methodo abreviado feito para uso das Escolas da Congregação do Oratorio, ou da Arte de Grammatica Latina reformada por Antonio Felix Mendes, que tem as referidas circunstancias¹³³.(sic)

Como se vê, Verney teve, nestas disposições, atendida a primeira regra do sistema pedagógico por ele proposto, a qual consistia em “facilitar a inteligência”. Segundo ele, para que o método de ensino fosse mais eficiente, as aulas de retórica e latim deveriam ser ministradas em português. Somente depois que o aluno possuísse algumas noções de retórica e gramática é que deveria o professor exercitá-lo na composição de textos em latim.

Dentre os objetivos da reforma manifestos no Alvará, estava o de restituir *aquelle antecedente lustre, que fez os Portuguezes tão conhecidos na Republica das Letras*, e buscou-se alcançar esse objetivo com a valorização de elementos da antiguidade latina que conferiam uma herança cultural comum entre Portugal e as demais *nações*

¹³³ *Instrução aos Professores de Gramática Latina* . apud ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. "Apêndice Documental", In: **A reforma pombalina dos estudos secundários no Brasil**, São Paulo: Saraiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

civilizadas da Europa¹³⁴. Por isso, embora já não possuísse o mesmo estatuto que teve com o sistema pedagógico dos inacianos, o ensino do latim continuou a ocupar um lugar de destaque na formação intelectual da elite letrada luso-brasileira durante todo o século XVIII. A esse respeito Anita Correia Lima de Almeida declara:

(...) o latim dos jesuítas era ensinado e empregado como uma língua *universal*, viva e falada no seio da Igreja. Já o ensino da língua latina proposto pela reforma terá um caráter totalmente diverso, na medida em que o latim será encarado como *língua morta*, deixando de ser uma língua falada para ser valorizada como herança¹³⁵.

Foi no sistema educacional da Companhia de Jesus, no seio da qual o latim era uma língua viva, que Verney recebeu sua formação, mesmo que a tenha renegado quando foi para a Itália e ingressou na congregação do Oratório. Foram os mestres inacianos que o introduziram no universo cultural da antiguidade clássica. Para ser mais exato, o próprio Verney declara na primeira carta do *Método* não ter nenhum problema com a Companhia de Jesus enquanto ordem religiosa, pois, segundo ele mesmo destaca, os inacianos contribuíam para a maior dignidade da Igreja Católica¹³⁶. Quanto ao ensino, se for dado crédito ao que escreveu, Verney demonstrou um sentimento de gratidão aos mestres jesuítas responsáveis pela sua formação:

(...) esse pouco que sei, eles mo ensinaram, e, ainda que nas escolas não aprendesse tudo, aprendi-o conversando com eles particularmente, e lendo seus autores. Sempre conservei com eles intrínseca amizade, e disto conservei uma memória sempiterna¹³⁷.

Talvez a utilização do *Verdadeiro Método de Estudar* como base das reformas dos estudos menores, em 1759, e da Universidade de Coimbra, em 1772, tenha vinculado a figura de Verney à ideia de que este possuía um forte sentimento antijesuítico, o que, se acreditarmos na sinceridade do autor ao escrever o que acima

¹³⁴ ALMEIDA, Anita Correia Lima de. **Aulas Régias no Império Colonial Português: o global e o local**. p. 75. Texto foi elaborado a partir de extratos da tese **Inconfidência no império: Goa de 1787 e Rio de Janeiro de 1794**. UFRJ, 2001.

¹³⁵ *Idem*.

¹³⁶ VERNEY, Luís António. *op. cit.* vol. I p.22.

¹³⁷ *Idem*.

foi transcrito, não se sustenta. A intenção de Verney, na verdade, era substituir o método de ensino baseado no *Ratio Studiorum*. Suas críticas aos jesuítas não foram feitas em bloco, por mais de uma vez o intelectual português faz elogios a membros da ordem. Sua crítica é voltada aos peripatéticos em geral e à situação do ensino português nas primeiras décadas do século XVIII. O fato de a maior parte das instituições de ensino de Portugal na época estar sobre o domínio da Companhia de Jesus dá a impressão de que sua censura dirigia-se apenas aos jesuítas, mas outras ordens, como a dos oratorianos e a dos teatinos, também controlavam algumas instituições de ensino, e a crítica se dirigiu a elas também.

Mas, voltando para a questão da formação de Verney entre os inicianos, de acordo com o que previa o *Ratio Studiorum*, em todas as atividades acadêmicas a comunicação deveria ser em latim¹³⁸. Mesmo havendo a mediação da leitura no sistema jesuítico através da prática da preleção, a qual era feita a partir das técnicas do comentário que deveria anteceder a apreciação dos textos que seriam discutidos em aula, certamente essa relação com a língua latina foi uma ferramenta que possibilitou a Verney uma maior familiaridade com os textos originais da antiguidade, principalmente com Quintiliano.

Na carta VI do *Método* Verney fez um relato da sua relação com a leitura e os autores antigos, segundo ele:

Quando eu era rapaz e somente conhecia os autores pelo sobescrito, considerava mais felizes e doutos aqueles homens que possuíam mais livros do que os que tinham menos; porque, dizia eu, aqueles gozam a lição de mais autores e de mais homens insignes. Naquele tempo, escritor e Doutor, eram sinônimos no meu Vocabulário. Eu era um daqueles (que, por nossos pecados, ainda vemos hoje tantos) que media a Ciência a palmas: quanto mais livros mais ciência. E o livro maior sempre me parecia tesouro mais precioso. Mas, depois que me familiarizei com aqueles mortos; que revolvi muitas e grandes livrarias; que consultei homens doutíssimos; que li atentamente os Críticos; e, finalmente, que tomei o trabalho de examinar, com os próprios olhos, o merecimento de muitas das ditas obras, transformei-me neste particular, e formo tão diferente conceito do mundo,

¹³⁸ HANSEN, João Adolfo. *Ratio Studiorum e Política Católica Ibérica no século XVII*. In: HILSDORF, Maria Lucia Spedo (org.). **Brasil 500 anos: tópicos de história em educação**. São Paulo: Edusp, 2000. p.22.

que, se explicasse tudo o que entendo, não conservaria tão boa correspondência com tanta gente¹³⁹.

Anthony Grafton, usando o exemplo de Maquiavel e Petrarca, entre outros, indica como os humanistas liam os textos clássicos de formas variadas.¹⁴⁰ Mas, como elemento comum no interior dessa diversidade, aponta para a busca pelos textos originais com o intuito de (na retórica dos humanistas, a qual não deve ser tomada ao pé da letra) “ter acesso aos autores antigos como eles realmente foram”.¹⁴¹ A crítica do novo tipo de leitor que surgiu com o renascimento dirigia-se aos comentários das autoridades medievais que, segundo os humanistas, “aprisionavam o texto”.¹⁴²

No excerto acima, Verney nos oferece um testemunho da mudança de perspectiva intelectual pela qual passou. Nessa passagem vemos a síntese de muitas das críticas que ele tece aos letrados portugueses de seu tempo. Assim como o modelo de leitor humanista, apresentado por Grafton, Verney também criticou aquilo que entendeu como a perversão do bom gosto dos antigos. O intelectual português identificou a prática dos glosadores jesuítas com a atividade dos comentaristas medievais e, assim como os humanistas, a condenou atribuindo-a aos “tempos bárbaros.” Isso pode parecer paradoxal, pois como vimos acima, foi a educação jesuítica, a qual estava baseada em um humanismo clássico adaptado para fins catequéticos, que disponibilizou através do ensino do latim o aparato linguístico necessário para que ele tivesse acesso às obras originais da antiguidade.

Nesse relato o autor português se apresenta como o modelo de leitor que propõe no *Verdadeiro Método de Estudar*: um leitor “judicioso”, que não deve limitar o seu conhecimento ao sobrescrito dos livros, mas “com os próprios olhos” e com o auxílio da crítica de “homens doutíssimos” avaliar o valor dos textos originais. Essa avaliação, de acordo com o relato de seu caso, pressupõe tempo e aplicação no contato com os livros. Na descrição que Verney nos oferece, o ato de leitura é como um diálogo no qual é possível ao leitor ter contato direto com as ideias de homens do

¹³⁹ VERNEY, Luís António. *op. cit.* vol. 02, p. 140.

¹⁴⁰ ANTHONY, Grafton. O leitor humanista. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. Vol.02, p.09.

¹⁴¹ *Ibid.* p.08.

¹⁴² *Ibid.* p.09.

presente e do passado. Entre os mortos que Verney declara ter se familiarizado estavam, com certeza, autores como Cícero e Quintiliano.

A apropriação de Quintiliano

Acredito que, do que já foi dito até aqui, podemos nos aproximar das condições de leitura dos antigos oferecidas a Verney no sistema educacional em que obteve sua formação. Agora é tempo de dar início à segunda parte deste trabalho conforme foi anunciado em sua introdução: Como o erudito português se apropriou de Quintiliano na escrita das cartas cinco e seis do *Método*? Acima, apresentei como argumento de maior influência dos latinos na composição das cartas sobre retórica o maior número de autoridades romanas citadas, em comparação com as gregas. Não obstante, para apreciar os usos de Cícero e Quintiliano, no lugar de um argumento de quantidade será apresentado um argumento de qualidade¹⁴³. Embora o número de citações do nome de Cícero seja maior do que o de Quintiliano, parece mais plausível que, em função do objetivo e do destinatário anunciado nas cartas cinco e seis, Verney tenha buscado como principal referencia a obra do último.

Entre as recomendações de leituras da carta seis do *Método*, Cícero e suas obras ocupam posição hegemônica indiscutível. Porém, como modelo de orador, Cícero é recomendado como uma fonte a ser imitada pelos alunos; aos mestres e professores somam-se outros nomes como leitura obrigatória, em especial o de Quintiliano. Ao final da carta seis o intelectual português prescreveu:

¹⁴³ De acordo com Perelman a argumentação pode se valer de lugares da quantidade ou de lugares de qualidade. Os lugares de quantidade são aqueles lugares comuns que defendem que uma coisa é melhor do que outra a partir de uma lógica quantitativa. Ex: o todo é melhor que a parte, um maior número de bens é melhor do que o menor número deles, o que é duradouro é superior ao que é passageiro (valorização da verdade eterna contra as opiniões fugazes e passageiras), etc. Os lugares de qualidade, por sua vez, contestam a virtude do número, da quantidade. Em um argumento de qualidade o único e o raro é mais valorizado do que é comum e corriqueiro. CHAIM, Perelman; OLDEBRECHTS-TYTECA, Lucie. *op.cit.* p.97-103. Minha referencia ao uso de uma argumentação de qualidade é porque a partir de agora mais do que pelo número de vezes que apareça o nome de Cícero ou de Quintiliano, será pelo conteúdo do que se diz, o objetivo presumido do autor e a quem se dirigia o seu texto que fundamentará a análise das apropriações dos Antigos na obra que investigo.

Quanto aos Mestres, sou de parecer que leiam atentamente, não só os ditos livros que apontámos de Cícero e alguns outros pertencentes também à Retórica, mas os de Quintiliano, em que fez belíssimas reflexões sobre ela. Valla diz que ninguém pode entender bem Quintiliano, sem primeiro saber bem Cícero, nem menos seguir perfeitamente Cícero, sem obedecer aos preceitos de Quintiliano. O certo é que Quintiliano é um Retórico insigne e grande Crítico, que toda a sua vida empregou em refletir e ensinar; e tem maravilhosa eloquência; e dele podem tirar os Mestres as necessárias reflexões, para comunicar a seu tempo aos rapazes. Se o mestre quisesse mais alguma notícia particular, e ver as fontes de toda a Retórica, devia ler os livros retóricos de Aristóteles, que é o mestre nesta matéria, e os ditos são sua melhor obra; nela beberam todos. Podia servir-se da versão latina, se não entendesse o Grego¹⁴⁴.

Longino e Demétrio Faleros são outros autores recomendados, mas o fato de o nome de Quintiliano aparecer como indispensável ao mestre é o que chama atenção no texto acima. O professor, ao ministrar a leitura de Cícero aos alunos, deveria, obviamente, ter conhecimento das obras do mesmo, mas são as obras de Quintiliano que oferecem ao professor os “preceitos para seguir Cícero.” As cartas e orações de Cícero ofereciam o modelo de bom gosto literário, era ele o arquétipo do orador ideal. No *Verdadeiro Método* e na *Institutio* seu nome é quase uma tópica, adquire o status de sinônimo de oratória. Porém, ao mestre, o modelo é Quintiliano, pois é este quem oferece as reflexões sobre em que consiste a retórica e como ela é ensinada, e era aos mestres que o *Verdadeiro Método* se dirigia.

Acredito ser plausível uma aproximação ética entre Verney e Quintiliano, pois ambos se atribuem papéis e objetivos análogos. Tanto o erudito português quanto o *rhetor* romano, embora em épocas e contextos bastante diversos, propuseram reformas ao sistema educacional vigente dirigindo-se a um público de intelectuais competentes. Podemos avaliar como Verney, munido de um conhecimento do latim que o tornava mais próximo das obras romanas e, de acordo com o relato do próprio erudito português, pensando a leitura como uma forma de diálogo com os mortos, possa ter se identificado com Quintiliano quando este declarou em passagem do livro I da *Institutio Oratoria* que “Basta-me, porém, chamar atenção para o fato, pois

¹⁴⁴ VERNEY, Luís António. *op. cit.* vol. 02, p.172.

não estou ensinando, e sim aconselhando os que vão ensinar¹⁴⁵.” Quintiliano quis oferecer um método de ensino voltado para oradores já experimentados e para professores. Não era, pois, um manual para iniciantes.

O *Método* de autoria do suposto *Barbadinho* também não foi escrito para um público de leigos. Isso pode ser deduzido a partir do destinatário das dezesseis cartas que o compõem: um certo padre *Doutor na Universidade de Coimbra* referido ao longo da obra pela sigla de V.P (Vossa Paternidade). Este na verdade um interlocutor fictício, mas cuja caracterização permite inferir qual público Verney tinha em mente ao escrever as cartas sobre retórica. Na carta primeira, a qual serve de introdução às demais epístolas, ele escreveu “E V.P., que é tão versado na História, pode trazer à memória mil exemplos destes, que deram (e ainda hoje dão) ao mundo literário matéria de grande admiração”. E, em outro trecho, após apresentar os motivos que o convenceram apresentar o seu parecer quanto ao método dos estudos no reino português, declarou “Com estas condições, obedeço a V.P. e me glorio muito que um homem da sua literatura não despreze o parecer de um sujeito de tão pouca doutrina¹⁴⁶”. É possível perceber, destes trechos, que o interlocutor imaginado por L. A. Verney era um sujeito culto, versado na história de grande literatura.

A noção de ética aqui referida deve ser compreendida em termos retóricos, portanto, ligada ao conceito de *ethos*, o qual constitui um dos tipos de argumento estabelecidos pelo sistema retórico aristotélico. Os outros dois tipos de argumento referem-se à dimensão do *pathos* e do *logos*.

O *logos* refere-se ao discurso propriamente dito: é a dimensão racional da argumentação. No sistema retórico aristotélico, segundo Olivier Reboul, os argumentos fundados no *logos* eram divididos em dois tipos: os baseados nas provas extrínsecas e os baseados em provas intrínsecas ao discurso¹⁴⁷. Em Aristóteles as noções de extrínseco e intrínseco aparecem como: provas extratécnicas (*atekhnai*), as quais são exteriores ao discurso (testemunhas, confissões, leis, contratos etc.), portanto, não são provas retóricas; e provas técnicas (*entekhnai*), as quais são

¹⁴⁵ QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. I, 4, 17.

¹⁴⁶ VERNEY, Luís António. *op. cit.* v 01, p. 19-21.

¹⁴⁷ *Ibid.* p.50.

produzidas no processo argumentativo do discurso. Segundo Aristóteles, a mais importante das provas técnicas é o entimema, o qual foi classificado pelo filósofo grego como um tipo de silogismo abreviado¹⁴⁸. Os entimemas podem partir do verossímil (*eikos*), do exemplo (*paradeigma*), da prova necessária (*tekmerion*) ou do signo (*semeion*)¹⁴⁹. No livro V da *Institutio*, Quintiliano propõe uma divisão das provas já sugerida por Aristóteles, porém, latiniza os vocábulos, substituindo *atekhnai* por *inartificiales* e *entekhnai* por *artificiales*. De acordo com o *rhetor* romano:

Aristóteles hizo una división de pruebas, comunmente admitidas casi por todos. Es á saber, unas tomadas de fuera de la causa; otras tomadas de ella misma y sacadas como del fondo de la causa. Por donde á las primeiras les dane l nombre de inartificiales y de artificiales á las segundas.¹⁵⁰

O *ethos* e o *pathos*, por sua vez, são argumentos de ordem afetiva. O último está relacionado, em uma situação comunicacional, ao interlocutor. O caráter patético de uma argumentação deve levar em consideração os valores e os sentimentos que caracterizam o público ao qual o discurso se dirige¹⁵¹. O orador necessita conhecer os aspectos psicológicos que compõem o público ao qual fala para poder produzir, no espírito do auditório, as disposições do ânimo necessárias para obter a adesão às suas teses.

De acordo com Chaïm Perelman, é difícil determinar apenas com critérios materiais qual é o auditório ao qual um orador se dirige — no caso do público de um escritor, torna-se mais difícil ainda, pois muitas vezes não é possível determinar com exatidão quem são os seus leitores. Por isso, em termos retóricos, o estudioso belga denomina auditório como o “(...) conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação¹⁵².” Foi em função da importância do auditório e da confusão que o termo dialética poderia causar, tendo em vista o significado contemporâneo que em geral possui, que Perelman preferiu aproximar sua teoria da argumentação à retórica; justifica o autor “nossa aproximação desta última [a retórica] visa enfatizar o

¹⁴⁸ *Ibid.* p.50.

¹⁴⁹ *Idem.*

¹⁵⁰ Quintiliano. **Instituciones Oratorias**. Madrid: Imprenta de Perlado Páez y Compañía, 1910. V, 1, 1.

¹⁵¹ REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.48.

¹⁵² CHAIM, Perelman; OLDEBRECHTS-TYTECA, Lucie. *op.cit.* p.22.

fato de que é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve¹⁵³.”

Já o *ethos* refere-se ao orador: é a imagem que ele deve projetar ao público para passar a ideia de honestidade e confiabilidade. Para Ruth Amossy:

Todo o ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa¹⁵⁴.

Conforme a opinião de Dominique Maingueneau, *ethos* não é um conceito teórico claro, trata-se de uma noção muito intuitiva e de difícil determinação¹⁵⁵. A imagem do orador (escritor/autor) é percebida pelo auditório através da conjugação de elementos textuais (escolha das palavras, dos argumentos, do tom de voz) e extratextuais (postura, aparência, posição social, etc.)¹⁵⁶. Seguindo Maingueneau, podemos dizer que o público, através de representações coletivas estereotipadas¹⁵⁷, atribui ao orador um “caráter” e uma “corporalidade”:

O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto a corporalidade, ela está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* implica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica...¹⁵⁸

¹⁵³ *Ibid.* p.06.

¹⁵⁴ AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005. p.09.

¹⁵⁵ MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel. (Org.). **Ethos discursivo** São Paulo: Contexto, 2008. p.12.

¹⁵⁶ *Ibid.* p.14.

¹⁵⁷ Dominique Maingueneau também usa o termo “mundo ético”, o qual é ativado pela leitura e remete “a um certo número de situações estereotípicas associada a comportamentos.” O mundo ético dos médicos, por exemplo, inclui o uso de jaleco branco, o trânsito em consultórios, etc. MAINGUENEAU, Dominique. *op. cit.* p.18

¹⁵⁸ *Idem.*

Os conceitos retóricos de *ethos* e *pathos* foram mantidos na grafia grega por Quintiliano, pois este as considerava intraduzíveis¹⁵⁹. Na construção da *Institutio*, a dimensão do *ethos* com seu forte conteúdo moral foi extremamente valorizado. A esse respeito, mais uma vez volto ao trabalho de Rezende. Em *Rompendo o Silêncio*, o escritor propõe que a eleição de Cícero, na *Institutio*, como modelo a ser imitado não se restringia à maestria do senador romano na aplicação de preceitos formais do discurso, pois a escolha desse orador foi pautada também por suas qualidades morais. Em passagem do livro X Quintiliano assim apresentava Cícero:

Em testemunho, o seu consulado tão nobremente gerenciado, sua província tão honestamente administrada, o vigintivirato que ele recusou. Durante as guerras civis, que aconteceram gravemente em seu tempo, seu espírito não se abalou, nem pela esperança, nem pelo medo de que não pudesse aderir ao que era o melhor, ou seja, a República. Pareceu pouco forte a alguns, mas a esses admiravelmente respondeu que não era tímido em enfrentar perigos, mas em os prever. Isto ele provou com a própria morte, a qual assumiu com o mais resolutivo espírito¹⁶⁰.

Em suas avaliações quanto ao valor das obras literárias, Quintiliano não separava autor e texto. Na *Institutio Oratoria* o *vir bonus discendi peritus* (um homem bom e instruído na eloquência) invariavelmente deveria ser um homem de bem¹⁶¹. No livro X, onde Quintiliano listou obras filosóficas, poéticas, históricas e jurídicas que deveriam auxiliar na formação do orador, o critério utilizado era moral e estético. As obras eram associadas aos valores éticos daqueles que as escreveram e estes valores, por sua vez, eram percebidos pela imagem que o autor projetava no texto. No discurso estava o seu autor. Essa noção de um texto baseado na autoridade de quem o escreveu, o qual merecia ser apreciado não só por suas qualidades técnicas, mas também em função do lugar que ocupava o seu autor, não foi ignorado por Luís António Verney, conforme podemos apreender da seguinte passagem:

Julga-se comumente, e não sem razão, que o conceito que os ouvintes têm da virtude e merecimento do pregador conduz muito para se persuadirem. Quem vai ouvir um homem, de quem é fama

¹⁵⁹ REBOUL, Olivier. *op. cit.* p.48.

¹⁶⁰ Quintiliano. **Educação Oratória**. X, 1, 16-17. In: REZENDE, Antonio Martinez de. **Rompendo o Silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

¹⁶¹ REZENDE, Antonio Martinez de. *op. cit.* p.92.

comum ser muito santo ou muito douto, vai meio convertido ou persuadido¹⁶².

Claro que Verney atualizou para seus interesses a noção de homem bom. Como foi apresentado por Ferreira, a principal preocupação de Verney estava voltada para as preocupações de ordem teológica, por isso no lugar da figura do orador romano ele se refere ao pregador e, no *Verdadeiro Método de Estudar*, oferece um sub-capítulo com normas voltadas exclusivamente para a eloquência do púlpito. Para o pregador se mostrar digno de crédito:

(...)deve pregar primeiro com as obras, que só então os seus discursos serão bem recebidos e os seus ouvintes ficarão persuadidos do que lhe propõe. Mas devem estas virtudes ser verdadeiras, porque, sem isso, nada concluem.¹⁶³

Roberto Acízelo de Souza faz menção a duas linhagens do conhecimento retórico: uma que explora apenas o caráter de sedução da palavra e outra que entende a retórica como uma demonstração técnica e racional do verossímil¹⁶⁴. É a esta segunda que se filia Quintiliano e, depois dele, também L. A. Verney. Mas, de acordo com os preceitos apresentados no trecho acima, não basta o pregador (ou o orador) dominar os preceitos técnicos da persuasão para obter a adesão daquele que o escuta; deve ele mesmo ser o exemplo vivo daquilo que diz: “deve pregar primeiro com as obras, que só então os seus discursos serão bem recebidos e os seus ouvintes ficarão persuadidos do que lhe propõe.” Mais do que parecer, o discurso do pregador idealizado por Verney, deve ser verdadeiro. Nessa concepção de retórica, a honestidade do orador é pré-requisito essencial. Em defesa desses mesmos valores, Olivier Reboul botou em oposição as imagens do ator e do orador: segundo ele “o ator que finge bem é um artista; o orador que sabe fingir bem seria um mentiroso¹⁶⁵.”

Para Quintiliano, “as palavras não são, por natureza, nem boas nem más”; é o uso adequado ou inadequado delas que vai convergir para o bem ou para o mal¹⁶⁶, justificando a sua preocupação, no início do livro XII, de que, ao ensinar todos os

¹⁶² VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.149.

¹⁶³ Ibid. p.150.

¹⁶⁴ SOUZA, Acízelo de. *op. cit.* p.07.

¹⁶⁵ Reboul, Olivier. *op. cit.* p. 67.

¹⁶⁶ QUINTILIANO. *Institutio Oratoria*. X, 1, 16.

preceitos de retórica, estivesse dando armas ao bandido (*latroni*) e não ao soldado (*militi*)¹⁶⁷. Por isso, neste mesmo livro, o *rhetor* romano reafirma a importância da retidão moral do orador, mais que isso, Quintiliano acredita poder demonstrar que só pode ser orador aquele que é um homem de bem (*uir bonus dicendi peritus*) — daí sua famosa definição de retórica como *ars bene dicendi*, que Beatriz Vasconcelos propôs como tradução “ciência do dizer bem¹⁶⁸.” Como prova do que propõe, Quintiliano utiliza o exemplo de Demóstenes e Cícero, ambos grandes oradores porque portadores dos mais altos valores morais.

O soldado e o orador

A imagem do soldado utilizada na *Institutio Oratoria* é bastante significativa, principalmente quanto ao *ethos* do orador. Conforme Rezende, o *uir bônus dicendi peritus* (o orador ideal imaginado por Quintiliano) deveria ser:

(...)um homem íntegro, de firmeza e presença de espírito, dotado de uma ampla formação cultural, alguém que põe todas essas disposições naturais e adquiridas a serviço da oratória, da arte de convencer mediante a palavra e, assim, um cidadão competente para influir da melhor maneira possível no cenário político, na gestão da comunidade a que pertence¹⁶⁹.

No *Institutio Oratoria* a ênfase é dada às práticas forenses, é por esse motivo que, às vezes, Quintiliano estabelece uma associação entre a imagem do soldado com as disputas jurídicas travadas pelo orador: ao uso de argumentos no interior do fórum traça o paralelo com estratégias utilizadas em uma guerra, e as palavras são comparadas, nos embates oratórios, com as armas do soldado no campo de batalha¹⁷⁰. Assim, a imagem do soldado é associada ao *uir bonus* (o homem de bem) pelas qualidades que ambos devem possuir: o homem de bem, de acordo com o descrito acima, deve atuar no sentido de melhorar e ajudar a gestar a comunidade da qual faz parte; o soldado, por sua vez, é aquele que, conforme declara Rezende:

¹⁶⁷ *Ibid.* XII, 1, 1.

¹⁶⁸ VASCONCELOS, Beatriz Ávila. **Ciência do dizer bem**: a concepção de retórica de Quintiliano em *Institutio Oratoria*, II, 11-21. São Paulo: Humanitas, 2005.

¹⁶⁹ REZENDE, Antônio Martinez. *op. cit.* p.60.

¹⁷⁰ *Ibid.* p.83.

(...)corre o perigo: na guerra está o risco pessoal por uma causa presumivelmente coletiva; a vitória que, se alcançada, terá como beneficiário maior o sistema que comanda e governa os cidadãos, enfim, combate-se no interesse de um outro¹⁷¹.

Luís António Verney, embora não utilize a palavra soldado, remete à ideia de um debate como uma batalha entre os espíritos, uma batalha que deve ser vencida no campo intelectual. Ao falar das figuras, Verney apresenta as seguintes considerações:

(...) as figuras são infinitas; mas os Retóricos reduzem-nas a umas certas regras gerais e mais comuns. Direi somente que estas figuras são as verdadeiras armas da alma, com que ela faz guerra às outras almas- ou vence ou é vencida- e produzem juntamente mil outros efeitos¹⁷².

A imagem do soldado pode ser deduzida a partir do emprego das palavras arma e guerra, pois tal imagem estava de acordo como o objetivo do *Verdadeiro Método de Estudar*, que em seu frontispício dizia pretender *ser Útil a República e a Igreja*. O termo república é utilizado por Verney no mesmo sentido em que usava as palavras “Estado” e “Reino”¹⁷³, diferente da ideia de *república das letras* apresentado anteriormente. O orador de Quintiliano e o pregador de Verney deveriam ter as virtudes de um soldado: “combater no interesse de um outro”, por uma causa coletiva maior que ele mesmo — no caso de Verney, a *República e a Igreja*.

Mas, na verdade, essa apropriação de Verney da imagem do embate oratório como um combate não remete necessariamente a Quintiliano, ou pelo menos não só a ele. De acordo com os apontamentos do Professor António Salgado Junior, as passagens citadas acima fazem referencia à obra *Rhetorique ou L'Art de Parler*, de autoria do Padre francês Bernardo Lamy. Quanto a isso, é bastante ilustrativo o trecho desta obra selecionado pelo professor Salgado:

¹⁷¹ *Ibid.* p. 65.

¹⁷² VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.74.

¹⁷³ FERREIRA, Breno Ferraz Leal. *op. cit.* p.101.

O número das figuras é infinito[...] não tenho a pretensão de falar sobre todas as figuras (...) e quanto ao embate de palavras (...) as figuras são as armas da alma, farei aqui o paralelo de um soldado que combate com armas na mão e de um orador que fala.[tradução livre].¹⁷⁴

Como foi dito anteriormente, a formação de Verney se deu no seio de um sistema pedagógico de cunho humanístico, no qual os antigos, mesmo submetidos a um processo de moralização para que se adequassem aos valores cristãos, eram o modelo de bom gosto. Através da imitação sistemática dos cânones discursivos estabelecidos com base nas autoridades da antiguidade grega e romana, o aluno alcançaria a excelência intelectual. Não havia qualquer pretensão de originalidade tal como nós a entendemos, o intelectual desse período esperava dominar os códigos letrados de acordo com modelos pré-estabelecidos. Verney fez críticas à imitação tal como era praticada no interior das instituições de ensino jesuíticas, porém, a imitação continuou sendo, no *Verdadeiro Método de Estudar*, uma atividade intelectual válida. Por isso, dizer que Verney não foi um pensador original não pode desmerecê-lo: imitar modelos consagrados era algo esperado e desejável no contexto intelectual em questão. Noções como *plágio*, *originalidade*, e *gênio artístico* são categorias intelectuais de avaliação que surgiram com o romantismo no século XIX, ou seja, aplicá-las como critério de análise para as produções literárias do século XVII e XVIII seria anacrônico¹⁷⁵.

No campo da história da arte, o período em que foi redigido e impresso o *Verdadeiro Método de Estudar* é classificado como *Barroco*. Inicialmente, esse termo foi aplicado às artes plásticas, mas a noção viu o seu campo de aplicação se alargar, passando a designar um conjunto de objetos nada semelhantes entre si: o estilo das letras produzidas no seiscentos, uma mentalidade típica do século XVI, assim como uma forma de organização social e política. Por isso, hoje são usados termos como

¹⁷⁴ Le nombre des figures est infini [...] Je n'ai pas prétendu parler de toutes les figures. (...) les figures sont les armes de l'âme, j'en ferai ici La parallèle d'un soldat, qui combat les armes à la main et d'un orateur qui parle. LAMY, Bernardo. *apud* SALGADO JR, António. APUD. VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Sá da Costa, 1950. Vol II, p.75.

¹⁷⁵ HANSEN, João Adolfo. **Notas Sobre o "Barroco"**. Ouro Preto: Revista do IFAC, n.04, 1997. p.11-20.

“época barroca”, “sociedade barroca” e “Estado barroco¹⁷⁶”. No caso português, uma variada gama de eventos culturais, sociais e políticos são genericamente agrupados sob a expressão “Portugal barroco”, cujos marcos temporais de início e fim vão da formação da União Ibérica (1580) até a morte de D. João V (1750).¹⁷⁷

A crítica romântica interpretou o *barroco* como a expressão artística de uma angústia psicológica e social. Segundo essa perspectiva romântica, os indivíduos dos séculos XVII e XVIII estariam inseridos em um contexto intelectual permeado de incertezas, divididos entre princípios científicos e teológicos. A produção de modelos por parte desses indivíduos foi considerada como o “resultado estilístico ou artístico” de “uma tentativa de fusão de uma ‘Idade Média’ ‘teocêntrica’ e de um ‘Renascimento’ ‘antropocêntrico’¹⁷⁸.”

A história da arte aplicou, ao estudo das letras do século XVII, categorias que são exteriores a esse período. Noções de “autoria”, “público”, “crítica”, “plágio” e “progresso”, utilizados pela crítica romântica do século XIX, não estavam entre os critérios teóricos e técnicos de produções textuais e estéticas dessa época¹⁷⁹. O conceito usado dessa forma é anacrônico, por isso João Adolfo Hansen diz que a “etiqueta” *barroco* é dispensável para a análise das práticas de representação dos séculos XVII e XVIII, pois só “generaliza critérios românticos, expressivos e psicológicos, dando-os como universais¹⁸⁰”. A perspectiva de viés psicológico na análise da representação seiscentista e setecentista, ao usar critérios como “angústia”, “informalidade” e “originalidade”, não leva em conta “a rígida doutrina da retórica e da poética aristotélicas que ordena as artes ibéricas e italianas no século XVII”. A representação no seiscentos não seguia critérios individuais como a idéia de “gênio”; sua organização seguia parâmetros não psicológicos onde os afetos e as emoções

¹⁷⁶ Hansen considera essa tendência de “situar cada época debaixo da etiqueta de um único conceito” pertence a uma noção hegeliana de história evolutiva do século XIX. Essa postura teórica da crítica de arte não leva em conta a existência, em uma mesma época, de vários estilos concorrentes. HANSEN, João Adolfo. *op. cit.*, 1997, p.12 Estas considerações de Hansen no campo da crítica literária, podem ser aplicadas ao estudos de caráter histórico, o qual também trabalham com essas noções generalizantes como: Renascença, Iluminismo, Revolução Francesa, etc.

¹⁷⁷ *Idem.*

¹⁷⁸ *Idem.*

¹⁷⁹ *Idem.*

¹⁸⁰ *Ibid.* p.19.

eram codificados de forma estereotipada em listas de tropos e figuras presentes em manuais de retórica.

Segundo Hansen, essa desqualificação das letras do século XVII se deu porque:

(...) desde o Iluminismo, ainda no século XVIII, como em Kant, a retórica foi desqualificada radicalmente como instrumento persuasivo próprio dos privilégios do Antigo Regime, que se combatia. Com a desqualificação da retórica, também foram desqualificados as artes baseadas nela, como confusão, mau gosto e irracionalidade¹⁸¹.

Verney adotou alguns critérios semelhantes aos dos intelectuais iluministas na avaliação da produção literária do seu tempo: termos como razão e clareza são citados de forma recorrente no *Verdadeiro Método* como critérios de análise positivos. Quanto às letras seiscentistas, Verney as interpretava como narrativas confusas, desprovidas de “bom gosto literário” e marcadas pelo signo da irracionalidade. Essas noções depreciativas da produção letrada do seiscentos eram dirigidas principalmente aos sermões dos pregadores portugueses.

Decoro e senso de medida

Os textos dos pregadores portugueses do seiscentos, conforme aparece no *Método*, não seguiam o critério da “boa razão” e por isso não eram claros, pecavam pelo excesso de tropos e figuras e na maioria das vezes “degeneravam em verso.” Não havia preocupação em adequar os argumentos à matéria, estudavam as palavras preocupados apenas com sua sonoridade, com sua “cadência harmoniosa”. Ao procurar só falar por sentenças, os religiosos acabavam fazendo “mil reflexões inútilíssimas¹⁸²”. Na carta cinco, Verney argumenta que os sermões produzidos por esses religiosos nada mais eram que “mero jogo de palavras, sem verdade, nem verosimilidade alguma, e que se fazem em vento quando se examina de perto¹⁸³.”

O erudito português considerava que os defeitos dos sermões dos religiosos lusitanos começavam no frontispício dos livros, onde nem mesmo os títulos eram

¹⁸¹ *Ibid.* p.12.

¹⁸² VERNEY, Luís António. *op. cit.* vol. 02, p. 77.

¹⁸³ *Ibid.* p.33.

claros. No lugar de nomes concisos que explicassem do que se trata, eram postos “nomes estrambólicos” ou algum epíteto que só fazia “obscurecer” a matéria. “Com efeito, nos títulos se mostra o juízo do autor” e, de acordo com o *Novo Método*, a falta de critério era a marca distintiva dos autores seiscentistas. Contrapostos a estes, estavam os títulos de obras das letras clássicas como modelo de concisão:

Os seiscentistas são os que caíram nesta ridicularia[de escrever títulos “estrambólicos” e muito extensos]; os antigos doutos todos a evitaram; e, se algum se desviou dela, não teve sequazes, e deve ser provado. Os títulos dos Antigos todos são simples: *Cornelius Celsus*, de *Re Medica*; *Caii Julii Caesaris*, De *Bello Gallico* etc., *Ciceronis Orationes, Epistolae, de Finibus bonorum* etc., e outros estes semelhantes.¹⁸⁴

Entre as causas do mau gosto das letras lusitanas de fins do XVII e início do XVIII, Verney destacou a ausência do devido conhecimento do que é e em que consiste a retórica:

Os rapazes que estudam nestes países não sabem nada de Retórica, porque lha não ensinam. Os que são adiantados, e continuaram os estudos, sabem ainda menos, porque beberam princípios tão contrários a boa razão, que ficam impossibilitados para se emendarem¹⁸⁵.

Era através da reforma pedagógica que Verney buscava ser útil à República e à Igreja; nesse sentido, Quintiliano provavelmente deve ter sido a principal referência do erudito português. A natureza pedagógica do tratado do *rhetor* romano aparece desde o título, Antônio Martinez de Rezende propôs como tradução para *Institutio Oratoria*, no lugar de Instituições Oratórias, A Educação do Orador¹⁸⁶. Na crítica que fez à situação das práticas oratórias romanas de seu tempo, Quintiliano baseou sua avaliação em três aspectos: estilístico, moral e pedagógico¹⁸⁷. Quanto a este último aspecto, é possível identificar muitas semelhanças entre a *Institutio* e as cartas cinco e seis do *Método*. Nesse sentido, a leitura de Quintiliano serviu como fundamento para as propostas de reforma dos estudos por Verney, pois, embora Cícero tenha refletido sobre as práticas oratórias, não ofereceu em seus principais tratados sobre o tema

184 *Ibid.* p.120.

185 *Ibid.* p.08.

186 REZENDE, Antônio Martinez. *op. cit.* p.26.

187 VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *op. cit.* p.30.

(*Orator, De Oratore e Brutus*) nenhuma sistematização pedagógica clara sobre as regras e as técnicas da arte retórica¹⁸⁸.

Quintiliano demonstra suas preocupações de professor ao criticar os maus oradores em função da sua formação deficiente: a culpa da formação de oradores incompetentes era dos maus professores de retórica (*culpa docentium*), em outras palavras, a situação decadente da oratória romana era resultado da atividade de retores “cujas concepções e métodos viciosos serviram apenas para formar simulacros de orador¹⁸⁹.” Crítica análoga foi feita, séculos depois, por Verney quando este afirmou que o desconhecimento das regras retóricas no reino português era o resultado dos maus princípios aplicados pelos mestres jesuítas nas instituições educacionais controladas pela Companhia de Jesus. Eram, portanto, principalmente os mestres de retórica portugueses os culpados pelo “mau gosto” das letras lusitanas produzidas no século XVII e XVIII.

Luís António Verney desqualificou as práticas letradas do século XVII, não nos termos românticos de ausência de originalidade, mas a partir de critérios retóricos baseados em Cícero e Quintiliano. Nesse sentido, é fundamental entender a noção de *decoro* apresentada pelo erudito português. No *Verdadeiro Método*, era aconselhada a imitação de modelos canônicos como critério de bom gosto. A utilização das figuras também não era um problema, na verdade, estas eram consideradas muito úteis e necessárias¹⁹⁰, o erro estava em não saber utilizá-las de forma adequada, ou seja, de forma *decorosa*.

Em trecho que se refere aos sermões de quaresma e missões, Verney ressalta a importância do decoro (*decorum*). Não deveria o pregador se fazer valer de “subtilezas” e dizer ridicularias, mas “coisas verdadeiras, úteis e graves, e aplicando sempre o sermão à necessidade do auditório.” Neste ponto Verney identificava a principal falha entre os pregadores portugueses, os quais:

¹⁸⁸ REZENDE, Antônio Martinez. *op. cit.* p.61.

¹⁸⁹ VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *op. cit.* p.43.

¹⁹⁰ VERNEY, Luís António. *op. cit.* vol 02, p.78.

comummente se servem de idéias gerais, que não calçam bem ao auditório, e de que não se tira fruto algum; pois tão ridículo é, falando a homens doutos, querer-lhe explicar as pessoas da Trindade etc., como, falando a pessoas ignorantes, servir-se de idéias especulativas, ou, falando às Freiras, pregar da política de Maquiavelo, e, aos Rústicos, do *Principium quo in divinis*, da *Existência definitiva e circunscritiva na Eucaristia* etc.(...) e conclui (...)A isto chama-se não saber o *decoro*, quero dizer, não saber tratar a matéria, nem aplicar os argumentos aos ouvintes, coisa que condenam os Retóricos¹⁹¹.

Em nota da edição do *Verdadeiro Método de Estudar* de 1950, o professor Antonio Salgado Jr. julga que Luís Antônio Verney se baseou no *De Oratore* de Cícero na formulação destas reflexões acima. De acordo com Salgado, o próprio termo *decorum* (decoro) foi apropriado da leitura de Cícero. Porém, o mesmo vocábulo foi utilizado por Quintiliano no *Institutio Oratoria*, e Horácio apresenta a mesma ideia do decoro, mas usando outro termo (*convenientia*)¹⁹².

Beatriz Ávila Vasconcelos oferece outros dois conceitos de Quintiliano que ajudam a entender a noção de *decorum* (decoro) retórico e, segundo a autora, são essenciais para a boa eloquência em Quintiliano: *ratio* e *modus*. O primeiro dos conceitos é o método oratório (*ratio dicendi*), o qual deve ser formado no estudo rigoroso dos preceitos retóricos. A ausência da *ratio* leva ao vício oratório que Quintiliano denominou de *inscriptia*, o qual consiste no desconhecimento da causa em questão¹⁹³. O retor romano considerava que as composições oratórias de seu tempo não se preocupavam em provar, mas somente em fazer usos de fórmulas preestabelecidas e sentenças pomposas.

O mesmo vício da *inscriptia*, embora não use esse termo, Verney identificou nos sermões de exéquias, os quais não respeitam os preceitos da arte retórica. Nos tais sermões são aplicadas as “palavras sagradas” para explicar as profanas, e não se consegue, segundo o clérigo português, persuadir a ninguém, pois não se persuade a ninguém com provas que não convém à matéria¹⁹⁴. Ele observava nos autores portugueses a ausência de preocupação em adequar os argumentos à matéria e

¹⁹¹ *Ibid.* p.51.

¹⁹² SALGADO Jr, Antonio. Comentários In: VERNEY, Luís Antonio. *op. cit.* vol. 02, p.51.

¹⁹³ VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *op. cit.* p.32.

¹⁹⁴ VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.13.

utilizar as figuras de forma adequada. No lugar da “boa retórica”, se ocupavam apenas dos estudos das palavras e das figuras, no que se refere às suas propriedades sonoras, com sua organização e “cadencia harmoniosa”. Usavam de mil “afetações” que, no lugar de produzir algum efeito de convencimento, só faziam “degenerar” tudo em verso¹⁹⁵. O desconhecimento da causa e o não saber buscar as provas e os argumentos adequados à matéria, Quintiliano define como *inscripta* ou ausência de *ratio*; Verney, por sua vez, entende que, a “este homem” que profere um discurso onde as provas e os argumentos não são de acordo com o que está em questão, “falta a principal parte de Orador, que é *Inventio*: o saber buscar razões próprias para o seu intento e que provêm o que ele quer¹⁹⁶.” É desta falta, conforme o erudito português, que nascem os defeitos que impedem o bom gosto da eloquência.

O conceito de *modus* pode ser entendido como senso de medida¹⁹⁷, e é a ausência de *modus* que leva ao vício da *licentia*, o qual pode ser entendido como extravagância, exagero, descontrole, falta de medida ou imprudência. Na ausência de *modus*:

O atrevimento é tomado por coragem, a vituperação por franqueza, o falatório por abundância verbal. Privilegia-se assim as frases de efeito (*sententiae*) em detrimento da argumentação¹⁹⁸.

Em sua análise da *Institutio*, Beatriz Ávila entende que, para Quintiliano, *modestus* é aquele que tem *modus*, ou seja, senso de medida¹⁹⁹. A moderação, por seu turno, só é obtida pela erudição, e é algo que é adquirido e desenvolvido por meio da educação (o *modus* só possui o *eruditus*)²⁰⁰. Aqui, mais uma vez, vemos reforçada a importância de uma formação de caráter humanístico voltado para um conhecimento de ordem geral. A ausência de medida e bom senso impossibilitam o exercício decoroso do discurso, ou seja, na lógica do *Institutio Oratoria* não há decoro (*decorum*) sem modos (*modus*).

¹⁹⁵ *Ibid.* p.77.

¹⁹⁶ *Ibid.* p.14.

¹⁹⁷ VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *op. cit.* p.33.

¹⁹⁸ *Idem.*

¹⁹⁹ *Idem.*

²⁰⁰ *Ibid.* p.34.

Conforme Quintiliano, a ausência de *ratio* produz um discurso sem *modus* (senso de medida), já na sistematização dos preceitos retóricos de Verney, o não saber buscar as provas (invenção) leva ao defeito da disposição, ou seja, não saber dispor as provas e os argumentos na sua “justa proporção”. Desses dois defeitos nasce o terceiro, o da elocução: que leva a ausência de clareza e o uso de “subtilezas” e termos “afectados” no lugar de termos próprio em cada caso. No juízo de Verney, os religiosos portugueses “comummente enchem o discurso de mil tropos e figuras fora de seu lugar, que mostram o pouco talento do Pregador e a ignorância de sua própria língua²⁰¹.”

Assim como o *ratio* e o *modus* de Quintiliano só eram adquiridos a partir de um esforço de erudição, o bom gosto literário e a eficiência dos sermões portugueses do setecentos só poderiam ser consolidados a partir do esforço e do estudo. A idéia de decoro (conhecimento e senso de medida) não se restringia às atividades oratórias; na senda de uma tradição de ensino humanística, a formação dos indivíduos²⁰² não se restringia a atividades estritamente intelectuais, mas a todos os campos da vida:

A maior parte dos que escrevem são como aquelas pessoas que não tem educação de Corte. Estas, para se mostrarem bem informadas e de boa eleição, carregam tanto os vestidos de oiro, e a cabeça de jóias, que , em lugar de parecerem bem, ofendem a vista²⁰³.

Como acima se disse, era através de uma reforma pedagógica que Verney buscava ser útil ao reino português; a importância por ele dada à palavra²⁰⁴ e às técnicas de persuasão²⁰⁵ guardava um nexos com a concepção ciceroniana de uma eloquência civilizadora. Quintiliano, no *Institutio Oratoria*, reproduziu esse ideal de

²⁰¹ VERNEY, Luís António. *op. cit.* p.54.

²⁰² Obviamente estou aqui falando da formação de um número restrito de indivíduos do sexo masculino, brancos e que pertenciam a elite letrada da época, a maior parte da população não tinha acesso ao conhecimento.

²⁰³ *Ibid.* p.87.

²⁰⁴ As quatro primeiras cartas do Verdadeiro Método de Estudar foram dedicadas às gramáticas portuguesa, latina, grega e hebraica.

²⁰⁵ O que pode ser deduzido das afirmações de Verney de que “todo o lugar é teatro para a retórica” e que a observância das suas regras é essencial para a fundamentação de todos os outros conhecimentos.

“civilização pela palavra” apresentado por Cícero. A esse respeito Beatriz Ávila Vasconcelos observa:

Herdeiro do ideal ciceroniano de orador, Quintiliano também viu na eloquência o magno poder de construir cidades, conduzir os povos, instituir as leis. Para cumprir esta missão civilizadora o orador devia aprender uma retórica que não só lhe desse os conhecimentos necessários à sua ação política, mas ainda que fortalecesse o seu caráter²⁰⁶.

No século XVIII, existia uma percepção de que as letras humanas eram a base das demais ciências, e a importância da palavra pode ser avaliada em outros documentos da época. O famoso *Vocabulário Português & Latino* (1712/1721), do padre francês Rafael Bluteau, trazia na abertura a seguinte afirmação “A opulência de um reino não só consiste na abundância das riquezas, senão também na afluência das palavras; e assim pelo contrário, todo o reino, falto de palavras, é pobre. Já o disse Quintiliano em Roma, no tempo, que da Grécia mendigava o Lucio as dicções, que lhe faltavam²⁰⁷.” Quanto a isso o Alvará Régio de 1759 trazia em suas disposições que “da cultura das ciências depende a felicidade das monarquias” e que é o “estudo das letras humanas a base de todas as ciências.” Na edição de 1789 do *Dicionário de Língua Portuguesa* de A. de Moraes e Silva, encontramos algumas considerações nesse sentido também: “Sendo a riqueza das línguas com justa razão considerada uma balança fiel, em que se pode pesar ouro e fio o progresso da Civilização das Nações (...)”²⁰⁸.

²⁰⁶ VASCONCELOS, Beatriz Ávila. *op. cit.* p.15.

²⁰⁷ De acordo com o padre Raphael Bluteau a “fecundidade” e a “elegância” da língua era “uma eloqüente demonstração da prosperidade das monarquias.” O jesuíta relacionou a decadência dos impérios e a esterilidade das línguas, conforme Bluteau “Na prosperidade de Heber, floresceu com a língua hebraica a nobreza daquela nação, até que no cativeiro de Babilônia, perderam os hebreus com a pureza de seu falar, a autoridade de seu poder (...) Testemunhas da mesma verdade são Atenas e Roma, porque em Atenas a língua grega, e em Roma a língua latina, se corromperam na destruição de um e outro império, e ao abatimento das duas potencias se seguiram, como infalível consequência, a rudeza e a esterilidade da elocução”. BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. 8 v. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/pesquisa.htm> Acesso em: 19/10/2011.

²⁰⁸ SILVA, A. de M. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Na Officina de Simao Thaddeo Ferreira, 1789, p.ii. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/diccionariodalino00mora#page/n0/mode/2up> Acesso em: 25/10/2011.

De acordo com a opinião de Anita Correia Lima de Almeida, a reforma dos estudos menores, regulada pelo Alvará Régio de 1759, se baseou nas propostas do *Verdadeiro Método de Estudar* para a determinação do método de ensino e para a seleção de obras e autores a serem utilizados nas aulas. As regras estabelecidas pelo alvará deveriam ser aplicadas em todos os territórios do reino (metrópole e ultramar). Tais medidas se enquadravam em um projeto de “civilização” levado a cabo pela Coroa portuguesa. Havia a intenção de conferir uniformidade na formação das camadas letradas²⁰⁹, e uma das bases para a formação dessa ideia de civilidade foi a normatização, o controle das condutas e do saber. Essa intenção se materializou na criação do *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão* (1757), que proibiu o uso da língua geral e impôs “a língua portuguesa na instrução dos índios” e estabeleceu a criação de “lugares de mestre de ler e escrever, que deveriam ser abertos por todas as povoações.” O esforço no sentido de civilizar não se restringiu aos indígenas: todo um conjunto de populações heterogêneas que, como único traço em comum, eram súditos do Rei português foi inserido nesse processo²¹⁰.

No projeto de atualização dos saberes do período pombalino, foram introduzidas, no reino português, as ideias de pensadores modernos como John Locke e Isaac Newton. Na Universidade de Coimbra, reformada em 1772, além das faculdades de teologia, cânones, leis e medicina, foram criados os cursos de filosofia e matemática²¹¹. Porém, a retórica não perdeu força no interior do sistema de ensino: a palavra permaneceu um instrumento essencial para o desenvolvimento do saber e para inculcar os valores dos novos tempos. Os antigos, em particular Quintiliano, foram o modelo pelo qual se pautou todo o sistema pedagógico luso-brasileiro desde meados do século XVI até pelo menos o final do século XVIII.

²⁰⁹ ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *op. cit.*, p.70.

²¹⁰ *Ibid.*, p.71.

²¹¹ TEXEIRA, Ivan. *op. cit.*, p.44.

Conclusão

De acordo com o que foi apresentado, antes de partir para a Itália Luís António Verney realizou seus estudos menores no colégio de Santo Antão, controlado pela Companhia de Jesus. Passados alguns anos, transferiu-se para a Congregação do Oratório. Porém, voltou a estudar em uma instituição sob o controle dos jesuítas, o Colégio Madre de Deus, onde se graduou em artes e obteve acesso aos Estudos Superiores na Universidade de Évora. Nestas instituições, o ensino era regulado pelo *Ratio Studiorum*, o qual previa para o estudo secundário as cadeiras de gramática, humanidades e retórica. Foi no interior desse sistema pedagógico humanístico, consolidado na renascença, mas com raízes na antiguidade clássica, que Verney recebeu sua formação.

Em oposição à tese luterana da *sola scriptura*, os bispos reunidos no Concílio de Trento confirmaram a autoridade da *traditio* (tradição), e a livre interpretação das sagradas escrituras foi considerada herética. A pregação oral, em oposição à leitura individual da bíblia, foi prescrita como modo privilegiado de propagação da fé e combate às teses protestantes. A ênfase na oralidade influenciou as escolhas das estratégias de ensino e na natureza dos vínculos estabelecidos entre leitura e escrita. O cânon, de onde eram retiradas as regras e os preceitos da retórica, contava com obras como a *Retórica*, *De Oratore*, *Retórica Para Herênio*, e a *Institutio Oratoria*. Todos estes textos estavam inseridos em uma cultura que possuía fortes laços com a oralidade.

Os jovens, príncipes, nobres ou clérigos, que frequentavam as instituições de ensino jesuíticas, tinham um acesso mediado aos textos antigos, uma vez que a obra original era precedida por um arrazoado que apresentava uma interpretação autorizada da obra. Os alunos recebiam trechos de obras clássicas organizados em ontologias, as quais, obviamente, eram antecedidas ou permeadas por glosas feitas por professores da ordem. O objetivo era evitar que a tradição clássica fosse usada de formas incongruentes com as virtudes cristãs.

Na lógica pedagógica e catequética dos inicianos, a repetição era essencial; tudo se repetia a todo o momento para gravar, nos espíritos dos alunos, tópicos e

normas adequadas a ortodoxia. Este método de memorização estava fundamentado nas técnicas de memória desenvolvidas na antiguidade greco-romana. Na primeira parte da aula era realizada a preleção (*lectio*), que consistia na exposição oral do resumo do texto que o professor selecionava para servir de tema para a aula. Os comentários feitos pelo professor na preleção estavam adequados à interpretação autorizada pela Igreja e não havia a pretensão de originalidade ou inovação por parte do educador.

Por isso, entende-se porque Luís António Verney não foi um autor original; suas cartas de retórica, conforme destacou o professor António Salgado Júnior, possuem muitos trechos que seguem os mesmos preceitos do *La rhétorique ou l'art de parler*, do padre Bernardo Lamy. E esse autor francês não foi a única referência do erudito português, pois também é recorrente a citação de autores da antiguidade clássica no *Verdadeiro Método de Estudar*. Mas Verney nunca demonstrou qualquer pretensão de originalidade, até porque esse não era um valor presente no horizonte intelectual onde recebeu sua formação.

Muitos destacaram o aspecto polemico da obra de Verney. Não obstante, Breno Ferraz Leal Ferreira argumenta que o sentido do *Verdadeiro Método* está na conciliação entre fé e razão. Portanto, em muitos aspectos, o erudito português permaneceu alinhado aos preceitos escolásticos que tanto criticou. Na esteira da tradição letrada humanista, consolidada em Portugal pelo sistema de ensino jesuítico, Verney também apresentou os antigos como modelo de bom gosto literário e exemplo de aplicação de técnicas retóricas. Entre as obras e autores que ocupam espaço privilegiado nas cartas cinco e seis, destaque foi dado ao *De Oratore* de Cícero, à *Institutio Oratoria* de Quintiliano, à *Retórica* de Aristóteles e ao *Do Sumo Bem* de Longino.

De acordo com o quadro que apresenta o mapeamento das citações de autoridades da antiguidade nas cartas de retórica, viu-se que maior espaço foi dado aos latinos. O fato de Verney ter se formado em um sistema de ensino onde a conversação e os exercícios em sala de aula se davam em latim, provavelmente, criou uma maior proximidade sua com os autores que escreveram nessa língua. Entre as

recomendações de leituras da carta seis do *Método*, Cícero e suas obras ocupam posição hegemônica indiscutível. No sistema retórico proposto pelo intelectual português, aos alunos de retórica deveria ser aconselhada a leitura de três obras do orador romano: *De Oratore*, *Orator ad M. Brutum* e *De Oratoris Partitionibus*. Sendo que, no juízo de Verney, estas duas últimas representavam “a quinta essência de toda a Retórica.” As cartas e orações de Cícero ofereciam o modelo de bom gosto literário, era ele o arquétipo do orador ideal. Porém, ao mestre, o modelo oferecido foi Quintiliano, pois é na *Institutio Oratoria* que estão presentes reflexões sobre em que consiste e como deve ser ensinada a retórica, e foi aos mestres que o *Verdadeiro Método* se dirigiu.

Em suas avaliações quanto ao valor das obras literárias, Quintiliano não separava autor e texto. Na *Institutio Oratoria*, o *vir bônus discendi peritus*, invariavelmente, deveria ser um “homem de bem”. No livro X, onde Quintiliano listou obras filosóficas, poéticas, históricas e jurídicas que deveriam auxiliar na formação do orador, o critério utilizado era moral e estético. As obras eram associadas aos valores éticos daqueles que a escreveram e estes valores, por sua vez, eram percebidos pela imagem que o autor projetava no texto. No discurso estava o seu autor. Em Verney, essa valorização moral daquele que fala também estava presente, todavia, o autor português atualizou para seus interesses a noção de *vir bonus*: no lugar do orador, sua preocupação foi dirigida à formação do pregador. Não bastava o domínio dos preceitos técnicos da persuasão para obter a adesão do auditório; aquele que falava deveria ele mesmo ser o exemplo vivo daquilo que dizia. Segundo Verney, o religioso “deve pregar primeiro com as obras, que só então os seus discursos serão bem recebidos e os seus ouvintes ficarão persuadidos do que lhe propõe.”

Entre as causas do mau gosto das letras lusitanas de fins do XVII e início do XVIII, Verney destacou a ausência do devido conhecimento do que é e em que consiste a retórica. Foi através da reforma pedagógica que ele buscou ser útil à República e à Igreja; nesse sentido, Quintiliano provavelmente deve ter sido sua principal referência. A natureza pedagógica do *Institutio Oratoria* evidencia-se desde

o título, o qual Antônio Martinez de Rezende traduziu como *A Educação do Orador*. Na crítica que fez à situação das práticas oratórias romanas de seu tempo, o *rhetor* romano baseou sua avaliação em três aspectos: estilístico, moral e pedagógico. Quanto a este último aspecto, foram identificadas semelhanças entre a *Institutio* e as cartas cinco e seis do *Verdadeiro Método de Estudar*. Desta forma, a leitura de Quintiliano serviu como fundamento para as propostas de reforma dos estudos feitas por Verney, pois, embora Cícero tenha refletido sobre as práticas oratórias, não ofereceu, em seus principais tratados sobre o tema, nenhuma sistematização pedagógica clara sobre as regras e as técnicas da arte retórica.

Luís António Verney desqualificou as práticas letradas do século XVII, não nos termos românticos de ausência de originalidade, mas a partir de critérios retóricos como o decoro (*decorum*), apropriado de Cícero e Quintiliano. Essa noção, como foi dito, consistia no uso adequado das palavras, tropos e figuras. O discurso decoroso pressupunha estudo e erudição baseado nos modelos da antiguidade clássica. De acordo com o que se viu, além de critério de julgamento das práticas letradas, a noção de decoro foi aplicado para a avaliação das condutas sociais.

A importância que Luís António Verney conferiu à palavra e às técnicas de persuasão guardava um nexos com a concepção ciceroniana de uma eloquência civilizadora. Quintiliano, no *Institutio Oratoria*, também reproduziu esse ideal de “civilização pela palavra” apresentada por Cícero. Essa perspectiva serviu aos interesses reformadores do Marquês de Pombal. Anteriormente foi apresentada a opinião de Anita Correia Lima de Almeida, segundo a qual, a reforma dos estudos menores, regulada pelo Alvará Régio de 1759, se enquadrava em um projeto *civilizador* levado a cabo pela Coroa Portuguesa. No período do ministério de Pombal, havia a intenção de conferir uniformidade na formação das camadas letradas, e uma das bases para a formação dessa ideia de civilidade foi a normatização e o controle das condutas e do saber.

No projeto de atualização dos saberes do período pombalino, foram introduzidas, no reino português, ideias de pensadores modernos como John Locke e Isaac Newton. Na Universidade de Coimbra, reformada em 1772, além das

faculdades de teologia, cânones, leis e medicina, foram criados os cursos de filosofia e matemática. Porém, a retórica não perdeu força no interior do sistema de ensino: a palavra permaneceu um instrumento essencial para o desenvolvimento do saber e para inculcar os valores dos novos tempos. O uso das técnicas de persuasão, tanto para os objetivos catequéticos e edificantes (conforme a experiência educacional jesuíta) quanto para objetivos políticos (como no processo de laicização do estado iniciado no reinado de D. José I), corrobora a ideia de Quintiliano de que as palavras, por natureza, não são nem boas nem más, mas apenas palavras, e é o seu uso, de forma adequada ou inadequada, que leva para o bem ou para o mal.

Bibliografia:

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Prefácio e introdução a ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

AMOSSY, Ruth. "Da noção retórica de ethos à análise do discurso". In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ANDRADE, António Alberto de Andrade. **Vernei e a cultura do seu tempo**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1966.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino**. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1721. 8 v. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/pesquisa.htm> Acesso em: 19/10/2011.

CARVALHO, José Murilo de. **História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura**. Tópoi n.01, Rio de Janeiro, 2000, p. 123-152.

CARVALHO JÚNIOR, Eduardo Teixeira de. **Verney e a questão do Iluminismo em Portugal**. Dissertação de Mestrado, UFPr, 2005.

CHARTIER, Roger. "Do livro à leitura". In: CHARTIER, Roger org., **Práticas da leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. pp. 77-105.

_____, **Práticas da leitura**. 4ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

FERNANDES, Giselle. **Composição de textos na escola brasileira: em busca de uma história**. Do *Ratio Studiorum* aos manuais de estilo do final do século XIX. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006.

FERREIRA, Breno Ferraz Leal. **Contra todos os inimigos**. Luís António Verney: historiografia e método crítico (1736-1750). Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2009.

GIZBURG, Carlo. **Relações de Força**. História, Retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

HANSEN, João Adolfo, "A civilização pela palavra". In LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, "Ratio Studiorum e Política Católica Ibérica no século XVII" In: HILSDORF, Maria Lucia Spedo (org.). **Brasil 500 anos: tópicos de história em educação**. São Paulo: Edusp, 2000.

_____, **Notas Sobre o "Barroco"**. Ouro Preto: Revista do IFAC, n.04, 1997.

_____, "Um nome por fazer". In: *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: UNICAMP, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (orgs.) **500 anos de educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana Raquel. (Org.). **Ethos discursivo** São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo Freitas. **A consolidação da dinastia de Bragança e o apogeu do Portugal Barroco: centros de poder e trajetórias sociais (1668-1750)**. In: José Tengarrinha (org): **História de Portugal**. Bauru: Edusp; São Paulo: Portugal: Instituto Camões, 2000.

MORAIS, Regina Célia de Melo. **L. A. Muratori e o Cristianismo Feliz na Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai**. Dissertação de mestrado, Niterói, 2006.

PERELMAN, Chaïm; OLDEBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação. A nova retórica**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (1958).

QUINTILIANO. **Institution Oratoire**. Paris: Ganier Frères, 1934-1954. 4 v.

_____. **Instituciones Oratorias**. Madrid: Perlado Páez y Compañía, 1916. 02 v. Disponível em:
http://fama2.us.es/fde/ocr/2008/instituciones_Oratorias_Quintiliano_T1.pdf
Acesso em 15 de 05 de maio de 2011.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 253

REZENDE, Antônio Martinez. **Rompendo O Silêncio**. A construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. 328 p.

SILVA, A. de M. **Dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Na Officina de Simao Thaddeo Ferreira, 1789, p.ii. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/diccionariodaln00mora#page/n0/mode/2up>
Acesso em: 25/10/2011

SINKEVISQUE, Eduardo . **A História da América Portuguesa (1730) de Sebastião da Rocha Pita na História da Literatura Brasileira**. In: VII Seminário Internacional de História da Literatura (PUC/RGS), 2007, Porto Alegre. Anais VII Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2007.

_____. **Alguns relatos seiscentistas do Milagre de Ourique: fundamentação e exercício do poder providência e jurisprudência**. 2004. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). UFRJ: Rio de Janeiro.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência**. *Retórica e Poética no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999.

TEXEIRA, Ivan. **O Mecenato Pombalino e a Poesia Neoclássica**. São Paulo: Edusp, 1999.

VASCONCELOS, Beatriz Ávila. **Ciência do dizer bem**. A concepção de retórica de Quintiliano em Instituto Oratoria, II, 11-21. São Paulo: Humanitas, 2005. 194p.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Edição organizada por Antonio Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950. 05v.

_____, **Verdadeiro Método de Estudar**. Valença: Na officina de Antonio Balle, 1746. 02 tomos. Disponível em <http://bndigital.bn.br/pesquisa.htm>
última consulta em 11/10/2011.